



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**O PROTESTANTISMO NO ALTO SERTÃO PARAIBANO:
RELIGIÃO E SOCIABILIDADE EM SÃO JOSÉ DE
PIRANHAS-PB (1940-1960)**

IRISLENE DOS SANTOS MELO

**CAJAZEIRAS-PB
2017**

IRISLENE DOS SANTOS MELO

**O PROTESTANTISMO NO ALTO SERTÃO PARAIBANO:
RELIGIÃO E SOCIABILIDADE EM SÃO JOSÉ DE
PIRANHAS-PB (1940-1960)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientador

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

CAJAZEIRAS - PB

2017

IRISLENE DOS SANTOS MELO

**O PROTESTANTISMO NO ALTO SERTÃO PARAIBANO:
RELIGIÃO E SOCIABILIDADE EM SÃO JOSÉ DE
PIRANHAS-PB (1940-1960)**

Aprovada em: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos (Orientador)

Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos

Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa

Universidade Federal de Campina Grande- CFP

Prof. Ms. Isamarç Gonçalves Lôbo (suplente)

Universidade Federal de Campina Grande – CFP

**CAJAZEIRAS-PB
2017**

DEDICO

A Deus Todo poderoso. Ao meu filho (a), que está se gerando dentro de mim, que mesmo tão pequeno (a) já me faz a pessoa mais realizada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por estar ao meu lado em todos os momentos, me dando forças, coragem e saúde para vencer as inúmeras dificuldades que surgiram ao longo desta caminhada. Obrigada, Deus, por me permitir realizar esse sonho.

Agradeço também à minha família, em especial ao meu avô **Mario Alexandre** e à minha avó **Maria Eurides** (*in memoriam*), por terem sido meus apoiadores, por terem me acolhido com tanto carinho em sua casa (onde morei por sete anos) para que eu pudesse estudar. Sem o apoio e cuidado de vocês eu não teria conseguido chegar até aqui. Com a nossa convivência aprendi lições que não aprenderia em nenhum outro lugar. A vocês minha eterna gratidão.

Aos meus amados pais, **Ivo e Maria**, por acreditarem em mim e me apoiarem de forma incondicional ao longo desta árdua caminhada. Vocês foram os meus maiores incentivadores, me ensinaram que as dificuldades existem para serem superadas. Por vocês eu concluo este trabalho. Obrigada, mainha e painho, por lutarem sempre para me ver bem e feliz.

Gostaria de agradecer de forma especial ao meu esposo, **Flávio Gledson**, que vivenciou e me ajudou de todas as formas possíveis ao longo da minha caminhada, sempre esteve ao meu lado, me ouvindo nos momentos de angústia, me abraçando. Obrigada pela paciência e principalmente por tolerar os meus estresses no processo de escrita desse trabalho. A você todo meu amor e gratidão.

Agradeço às minhas irmãs, **Idarlene** e **Ivetiene**, e também à minha tia **Gilvanete**, pelas tantas vezes que as procurei para conversar, desabafar, e sempre me ouviram com paciência. E por inúmeras vezes que me aconselharam a não desistir. Saibam que vocês são muito importantes para mim.

Os meus sinceros agradecimentos, em especial, a meu professor e orientador, **Dr. Rodrigo Ceballos**. Sou-lhe eternamente grata pela compreensão, dedicação comigo e com o tema abordado, agradeço a disponibilidade de tempo a mim prestado durante a realização deste trabalho, agradeço o conhecimento que me possibilitou adquirir ao longo do curso.

Agradeço a todos os professores do curso de História pelo conhecimento que me foi passado ao longo do curso. Em especial aqueles que marcaram positivamente minha caminhada acadêmica, fica aqui minha gratidão.

De maneira especial agradeço aos meus entrevistados, pessoas tão simples e gentis que me receberam com tanto carinho em suas residências para compartilhar comigo os seus conhecimentos sobre a história da igreja. As suas informações foram de grande valia para esta pesquisa.

Agradeço às minhas colegas de turma 2010.1 por todos o conhecimento compartilhados, em especial minhas amigas Eliene e Emilliany, que dividiram comigo momentos de tristeza, incerteza, mas também momentos de alegria, os quais jamais serão esquecidos.

Ao pastor da Igreja Evangélica Congregacional, pastor **Gilson Cordeiro da Cruz** e sua esposa, **Risolene**, nos quais encontrei suporte e apoio ao longo da realização dessa pesquisa, me emprestando livros para ler quando precisei, e de maneira tão gentil me permitindo ter acesso aos arquivos da igreja, e toda a atenção que a mim dispensaram.

Por fim, agradeço ao professor e escritor **Messias Ferreira de Lima**, a senhora **Guilermína A. dos Santos**, ao Pastor. **Eudes**, a professora **Maria Guedes**, pastor **Daniel Braz** e sua esposa **Ivone**, à diaconisa **França**, à pastora **Eugenia Maria**, à dona **Salomé**.

A todos e todas que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho, lhes dedico o meu muito obrigada!

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

M528p Melo, Iriylene dos Santos.

O protestantismo no alto sertão paraibano: religião e sociabilidade em São José de Piranhas-PB/ Iriylene dos Santos Melo. - Sousa, 2017.

f.: 60 il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CCJS, 2017.

1. Protestantismo - história - Paraíba. 2. Protestantismo - São José de Piranhas - PB. 3. História oral. 4. Religião - sertão. I. Ceballos, Rodrigo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Ciências Jurídicas e Sociais. IV. Título.

UFCG/BS

CDU-274 (091)(813.3)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender o processo de inserção e consolidação do protestantismo na cidade de São José de Piranhas-PB a partir do período de 1940-1960. Procura-se analisar as possíveis dificuldades e resistências enfrentadas pelos primeiros cristãos protestantes diante de um catolicismo dominante na sociedade piranhense. Na década 1940 a cidade estava em passos iniciais de desenvolvimento após a transferência de sua sede. Pretendemos entender como outra religião foi vista pelo cristão católico de uma cidade do interior, em plena reconstrução, e mostrar os embates social e religioso provocados com a sua introdução. Realizamos este trabalho através de levantamento bibliográfico e leituras e discussões com os autores locais Vieira (2010), Leitão (1985) e Lima (2010) com a intenção de entender o contexto religioso, social e político do município de São José de Piranhas. Realizamos análise do livro de ata da Igreja Evangélica Congregacional e utilizamos o método da história oral por meio de entrevistas realizadas com os descendentes dos que participaram do processo de formação da Igreja Evangélica Congregacional de São José de Piranhas-PB.

Palavras-chave: São José de Piranhas (PB). Protestantismo. História Oral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – A CIDADE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS DO FINAL DO SÉCULO XIX AOS ANOS DE 1960.....	14
1.1. HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS.....	14
1.2. A SITUAÇÃO SOCIAL E RELIGIOSA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS ENTRE 1940 E 1960.....	20
CAPÍTULO II – PROTESTANTISMO BRASILEIRO.....	26
2.1. ESBOÇO HISTÓRICO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL.....	26
2.2. OS PRIMÓRDIOS DO CONGREGACIONALISMO NO BRASIL: SURGIMENTO E EXPANSÃO.....	30
CAPÍTULO III – O PROTESTANTISMO NA SOCIEDADE PIRANHENSE.....	35
3.1. A FUNDAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS- PB (1946-1960).....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS.....	52

INTRODUÇÃO

A cidade de São José de Piranhas está localizada na microrregião de Cajazeiras, no Alto Estado da Paraíba. Sua história está dividida em dois momentos distintos: primeiramente está o processo de povoação e desenvolvimento que remonta aos séculos XVIII e XIX, quando foi organizado o primeiro núcleo populacional nas terras situadas às margens do rio Piranhas, atual distrito de Piranhas Velha; e o segundo momento se dá após a transferência da sede do município de São José de Piranhas para o sítio Jatobá em consequência da construção do açude Engenheiro Ávidos, conhecido por Boqueirão.

Mediante as leituras das obras de autores como Deusdedit Leitão (1985) e Marconi Vieira (2010), ficou-nos perceptível que desde o período de sua fundação, predominou em São José de Piranhas a Igreja católica como sendo a única existente. Já a partir de 1940 ocorreu a inserção da religião cristã protestante na região, e, posteriormente, foi construída a Igreja Evangélica Congregacional.

O presente trabalho analisa como ocorreu esse processo de inserção e consolidação do protestantismo na cidade de São José de Piranhas-PB no período entre 1940 e 1960. Abordam-se os principais episódios ocorridos no campo religioso protestante durante o recorte temporal estudado. O recorte temporal da pesquisa estende-se na metade do século XX devido as fontes (Atas da IEC e depoimentos coletados por meio de entrevistas) apontarem que desde os anos de 1940 já haviam pessoas que praticavam o protestantismo na região, partindo do princípio que as primeiras manifestações religiosas protestantes ocorreram no Sítio Mulungu, onde se formou o primeiro grupo protestante do município.

Constatamos que a consolidação do trabalho evangelístico protestante se deu entre 1946 e 1960, quando foi construída Igreja Evangélica Congregacional, primeira igreja protestante na cidade de São José de Piranhas. Está em nosso objetivo entender, por meio de relatos orais e análise da ata da Igreja Evangélica Congregacional, as vivências desses religiosos para se firmarem em uma sociedade tradicionalmente católica, assim como analisar as possíveis resistências para se anunciar a religião protestante.

A escolha desta temática de pesquisa se fez a partir de leituras de autores locais, como Leitão (1985) e Vieira (2010), que em seus escritos abordam a história da cidade

em aspectos políticos, econômicos e culturais. Quando se trata do assunto religioso, encontramos apenas estudos sobre a Igreja católica romana, o que nos levou a pensar que o protestantismo foi, até o momento, esquecido por pesquisadores e estudantes piranhenses.

Acreditamos que este trabalho levará ao espaço acadêmico o conhecimento do processo de inserção do protestantismo no município de São José de Piranhas, contribuindo assim com a historiografia local. Assim, sua relevância repousa, também, na ausência de pesquisas ou trabalhos acadêmicos sobre o assunto em análise, ou seja, o protestantismo na região de Piranhas.

A realização da pesquisa dividiu-se em dois momentos. No primeiro momento fizemos um levantamento bibliográfico de autores que pesquisaram a temática a respeito do protestantismo e do congregacionalismo no Brasil. A exemplo temos Antônio Gouveia Mendonça (1990), Emile Leonard (1981) e Alderi de Sousa Matos (2004). Também a leitura do Livro Ata da Igreja Evangélica Congregacional de São José de Piranhas foi de suma importância para esse trabalho à medida que nos deu relevantes informações sobre o funcionamento da igreja. Ainda utilizamos o diálogo com a historiografia local para compreender o contexto social e religioso quando da implantação do protestantismo nos anos em estudo. O segundo momento se deu com a realização de entrevistas com pessoas que participaram do processo de formação da Igreja Evangélica Congregacional em São José de Piranhas. Sendo assim, como embasamento para a construção desse trabalho, utilizamos fontes primárias e bibliográficas, Ata da IEC e depoimentos orais colhidos por meio de entrevista sem história oral.

De acordo com Delgado (2006), em sua obra “História Oral: memória, tempo, identidade”, ao fazer uso do método da história oral como procedimento metodológico de pesquisa é preciso saber de suas limitações, pois “A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito [...], relevando lembranças algumas vezes de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando alguns casos a ocultá-las” (DELGADO, 2006, p. 16). Nesse sentido, mesmo sabendo de suas limitações, a oralidade carrega em si um leque de possibilidades. Buscamos, através de entrevistas e histórias de vida dos nossos colaboradores, reconstituir o máximo possível sobre como ocorreu a inserção do protestantismo em São José de Piranhas.

Dessa forma, o presente trabalho monográfico encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “**Acidade de São José de Piranhas do final do século XIX aos anos de 1960**”, faz uma abordagem sobre a cidade desde a sua fundação, perpassando o processo de transferência que ocorreu no século XX, destacando a forte atuação da Igreja católica nas vivências da sociedade piranhense. Os autores Leitão (1985) e Vieira (2010) contribuíram para analisarmos como se encontrava a cidade de São José de Piranhas no tocante aos aspectos sociopolítico e religioso no recorte temporal da pesquisa, dos anos de 1940 aos de 1960, quando ocorreu a inserção do protestantismo na região, e assim analisar as dificuldades enfrentadas pelos primeiros missionários protestantes.

No segundo capítulo, que tem por título “**Protestantismo brasileiro**”, procuramos discutir sobre a introdução do protestantismo no Brasil, especificamente o congregacionalismo. Abordamos ainda como se deu a difusão do protestantismo para o Alto Sertão Paraibano até se estender para a cidade de São José de Piranhas. Analisamos ainda como essa nova mensagem religiosa foi vista pela sociedade piranhense em um contexto em que o catolicismo era dominante.

O terceiro e último capítulo, intitulado “**O protestantismo na sociedade piranhense**”, apresenta como ocorreu o processo de introdução e consolidação da religião cristã protestante no município de São José de Piranhas até a construção da Igreja Evangélica Congregacional, pioneira na cidade. Partindo dessa perspectiva, especulamos que o primeiro trabalho de evangelização protestante na região começou no sítio Mulungu, na zona rural de São José de Piranhas, com a assistência da missionária Lídia Almeida de Menezes, residente naquela localidade, e também por missionários itinerantes vindos das cidades de Campina Grande e Marizópolis, ambas na Paraíba.

Posteriormente, os cultos protestantes começaram também a ser realizados na cidade, onde formou-se uma congregação com pequeno número de conversos, até que no ano de 1946 foi construída a igreja. Outro ponto em destaque nesse capítulo é que os primeiros missionários protestantes que chegaram a região a partir dos anos de 1940 encontraram uma cidade em reestruturação após a transferência da sede, que ocorreu em 1937. Salientando que a Igreja católica exercia o poder desde os primórdios da fundação da cidade, e desde a configuração urbana que se delineou em torno da Matriz,

influenciando os costumes de vida da sociedade, levantamos possíveis episódios de perseguição e as dificuldades e resistências enfrentadas pelos primeiros cristãos protestantes para se firmarem em uma sociedade fortemente católica.

CAPÍTULO I

A CIDADE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS DO FINAL DO SÉCULO XIX A 1960

Neste capítulo iremos analisar o contexto sociopolítico e religioso da sociedade piranhense entre os anos de 1940 e 1960. Dessa forma, é necessário voltar o olhar para São José de Piranhas desde os primórdios de sua povoação e entender seu desenvolvimento até o processo de transferência, que ocorreu no século XX, pelo qual a velha vila foi coberta pelas águas do açude Boqueirão (Engenheiro Ávidos). A sua sede foi transferida e reconstruída em nova localidade, o sítio Jatobá. Analisar esse processo de mudança é fundamental para uma melhor compreensão de como estava estruturada a sociedade piranhense no processo de inserção e expansão do protestantismo no município.

Este capítulo tem como objetivo, portanto, fazer uma breve apresentação sobre Jatobá no período em que ocorreu a inserção e difusão do protestantismo no município. Para isso, discutiremos com autores locais como Lima (2010) e Vieira (2010), que abordam a história social, política, econômica e cultural da cidade, como também o historiador Deusdedit Leitão (1985), que enriquece a história de São José de Piranhas no contexto do Alto Sertão paraibano através dos seus escritos. A intenção é conhecer como se encontrava o município naquela época e destacar a forte presença da Igreja católica nas vivências da sociedade piranhense. Desejamos destacar as dificuldades enfrentadas pelos primeiros missionários protestantes que chegaram para anunciar uma nova mensagem religiosa em meados do século XX, logo após a transferência da sede do município.

1.1 HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS

A história do município de São José de Piranhas está muito ligada à sua forma de ocupação, e se assemelha com a formação histórica de muitas cidades sertanejas

porse tratar de uma terra ribeirinha, situada às margens do rio Piranhas. Segundo Vieira (2010),contribuíram para a formação e ocupação do município fazendeiros e criadores de gado que vinham do Piancó, via rio Piranhas, e que se estabeleceram na região no início do século XVIII.

Nas primeiras décadas do século XIX, lentamente, São José de Piranhas apresentou os primeiros sinais de desenvolvimento. A curtos passos, a pequena povoação conseguiu passar de distrito (subordinado ao município de Cajazeiras) para a categoria de vila, quando conseguiu a emancipação política em 1885. “A 24 de setembro de 1885, o presidente Antonio Herculano de Souza Bandeira sancionou uma lei, nº 791, que elevou a categoria de vila as povoações de São José de Piranhas e Soledade” (LEITÃO, 1985, p.33).

Na segunda metade do Século XIX, a antiga vila de São José de Piranhas dava sinais de desenvolvimento e contava com uma prefeitura municipal, um movimentado mercado público, uma delegacia, os correios e telégrafos, a igreja matriz, um cemitério e um açougue.

Porém, um fato que marcou a história de São José de Piranhas foi a transferência da vila para Jatobá. Importante destacar que os sertões do Nordeste brasileiro são áreas semi áridas, desprovidas de chuvas regulares. A região do Sertão de Piranhas sempre sofreu com longos períodos de estiagem, que afetavam diretamente o homem do campo, fazendo com que o cultivo de produtos agrícolas diminuísse.

A construção de um grande açude que abastecesse a população o ano inteiro com água foi apresentada como resposta para o Sertão de Piranhas. Dessa forma, em meados de 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, foi iniciada a obra para a construção do Boqueirão de Piranhas (Açude Engenheiro Ávidos). Segundo Lima (2010), o açude tivera suas obras reiniciadas em 1932e foi concluído em 1936 sob a direção do engenheiro Sílvio Aderne.

O local escolhido por políticos e engenheiros, figuras da época para a execução do açude de Boqueirão de Piranhas, se deu na baixada de São José de Piranhas e, conseqüentemente, a vila seria coberta pelas águas. Logo surgiu um paradoxo: a construção do açude que ao mesmo tempo que traria desenvolvimento e abastecimento de água para a população local, e para outras cidades vizinhas, a exemplo de Cajazeiras,

também cobriria as casas e terras de São José de Piranhas, fazendo-se necessária a transferência da vila para uma nova localidade.

Deusdedit Leitão (1985), em sua obra intitulada “São José de Piranhas: Notas para sua História”, relata como a população vivenciou aqueles anos que antecederam a construção do açude:

Chegou a certeza da construção do açude do boqueirão. Essa certeza fez a vila parar, nada mais se fazia ali. Ninguém queria investir numa localidade condenada a desaparecer. Foram anos de agonia para vilazinha simpática e querida, tão aconchegante na pequena dimensão de suas ruas. Era uma tristeza vê-la, parada sem vida, sem alegria contagiante de seu povo (LEITÃO, 1985, p.103).

Diante dessa realidade, vale ressaltar que a população vivia anos de agonia ao sentir que a pequena vila aconchegante, as suas moradias, as melhores terras, estavam prestes a desaparecer. Na verdade, os serviços que ali foram executados transformaram completamente a pequena povoação de São José de Piranhas. Era o adeus, sem direito de retornar a sua terra, já que em breve esta seria coberta pelas estrondosas águas do Boqueirão. As pessoas não deixaram para trás apenas a localidade, mas as suas histórias de vida, de sonhos interrompidos em nome de um projeto maior.

Ainda de acordo com Deusdedit Leitão (1985), a necessidade de transferência da população para uma nova localidade que não fosse atingida com a construção do Boqueirão mobilizou o prefeito Manuel Assis e outras personalidades importantes da época, a exemplo do engenheiro Silvio Aderne e do juiz Milton Marquês de Melo, a percorrem a região em busca de um novo local que tivesse melhores condições para ser construída a nova sede do município. Vários sítios foram estudados, mas para tal empreendimento foi escolhido o sítio Jatobá. A localidade ficava no centro do município, e contava com facilidade de acesso a outras comunidades.

Dessa forma, com a conclusão do açude do Boqueirão em 1936, iniciou-se definitivamente o processo de retirada para o sítio Jatobá. “A 1º de janeiro de 1937, com grandes festividades populares é transferida oficialmente, a vila para sua nova sede, com seção solene da câmara do município, no dia 4, realizou-se a primeira feira municipal” (LEITÃO, 1985, p. 109).

Mediante esse processo de transferência, o município continuou a desenvolver-se economicamente, ainda que se tratasse de um crescimento a passos curtos, uma vez que

os moradores haviam deixado para trás as terras mais férteis próximas a ribeira do rio que facilitava atividades agrícolas e pecuárias.

Após a transferência, na década de 1940, lentamente a nova São José de Piranhas apresentava os primeiros sinais de desenvolvimento. Como a maioria das regiões do sertão nordestino, seu avanço decorreu das atividades da pecuária, produção algodoeira, além da crescente agricultura de subsistência, munida pela cultura da mandioca e plantio da cana-de-açúcar (formada pelos velhos engenhos de rapadura da região). Aos poucos a economia foi-se erguendo, oferecendo ao comércio local de movimentação, com as chamadas feiras livres. De acordo com Deusdedit Leitão (1985), a feira movimentada dava um aspecto promissor ao comércio. Evento semanal, a feira reunia fazendeiros, agricultores, comerciantes para negociar o excedente de produção. Este espaço de troca e vendas era também o lugar de encontro e algazarra da população piranhense.

Importante frisar que para São José de Piranhas, assim como outras regiões do Alto Sertão, o algodão teve um forte papel na economia local nas décadas de 1940 e 1950. O historiador Marconi G. Vieira, ao apresentar o comércio do algodão ressalta:

Campina Grande era o maior centro comercial e industrial da Paraíba e um dos maiores do país. Com o advento das estradas e do automóvel de carga, o algodão de São José de Piranhas era transportado para Sousa e conseqüentemente Campina Grande (VIEIRA, 2010, p.117).

A partir de Campina Grande surgiram rotas comerciais. De São José de Piranhas era transportado para Sousa e depois para Campina Grande, criando caminhos que ligavam uma cidade a outra.

O ano de maior desenvolvimento foi o de 1956, quando iniciou uso do automóvel como meio de transporte de carga de algodão para outras cidades. Vale ressaltar, porém, que existia um grande problema de transporte naqueles anos, pois nem todas as pessoas possuíam condições de acesso a um automóvel, sendo os meios de transporte mais comuns da época os animais de carga.

Logo compreendemos que os primeiros missionários itinerantes protestantes vindos da cidade de Campina Grande, Marizópolis, Sousa, João Pessoa, que chegaram ao município de São José de Piranhas em meados do século passado com a intenção de anunciar uma nova mensagem religiosa, enfrentaram grandes dificuldades para

percorrer a área geográfica do município devido a precariedade dos meios de transporte e a falta de estradas, o que provocava um afastamento entre as cidades.

Destacamos ainda que a década de 1940 foi marcada pelo governo de Getúlio Vargas, “que implantou o Estado Novo, [...] fechou o congresso nacional, dissolveu os partidos políticos, outorgou uma nova constituição autoritária para o país, cassou todos os prefeitos e, em seguida nomeou de acordo com seus interesses”. (VIEIRA, 2010, p.20). Observamos que durante a era Vargas vários prefeitos governaram transitoriamente o município de São José de Piranhas, nomeados por interventores. Observamos que esses representantes que eram indicados a cargos de prefeitos geralmente eram pessoas que pertenciam a famílias tradicionais da cidade, de poder aquisitivo, a exemplo do comerciante Antonio Gomes Barbosa, o tenente Manuel Arruda de Assis e o latifundiário Malaquias Barbosa, que faziam parte da elite local e possuíam uma forte influência na política do município.

O historiador José Marconi Viera (2010, p. 21) faz a seguinte descrição de como atuava a política em São José de Piranhas em meados do século XX:

Em São José de Piranhas, os coronéis também dominaram a política local, mantendo uma forte hegemonia e reservando-se no poder durante quase toda a República Oligarquia e a Era Vargas. Essa estrutura de poder local estava articulada com a estruturação de poder do estado da Paraíba. A Prova disso é que os prefeitos seguiam e apoiavam o esquema político da oligarquia que estava no poder.

De acordo com o autor, entendemos que o coronelismo foi um fenômeno político-social preponderante no Brasil, principalmente na região Nordeste. Notamos que a política piranhense, durante muitos anos, foi governada pelos ditames do coronelismo através do mandonismo local.

Enfocamos que no período estudado, São José de Piranhas foi marcada por uma hierarquia social onde uma minoria formava a elite local, a exemplo de comerciantes, proprietários de terras, criadores de gado, advogados, funcionários públicos. Era dessa elite privilegiada que surgia os chefes políticos locais, que residiam nas melhores casas no centro da cidade.

Em relação a camada social menos abastada, merecem destaque os agricultores que trabalhavam no cultivo das lavouras (agricultura de subsistência), vaqueiros, arrendatários que trabalhavam nas terras dos grandes e médios proprietários rurais em

forma de arrendamento, em troca de moradia e alimento para seu próprio sustento e de suas famílias.

Junto a hierarquia social presente na sociedade piranhense, somado o alto índice de analfabetismo e pobreza, tudo isso favorecia o controle dos coronéis, os grandes proprietários de terras, a atuarem com forte controle e influência sobre classes subalternas através de exploração da mão-de-obra barata e troca de favores.

Diante dos fatos, importa-nos ressaltar que no recorte temporal de nossa pesquisa (1940-1960), apesar do seu desenvolvimento, São José de Piranhas era uma cidade sem infra estrutura urbana, faltando saneamento básico, energia elétrica, educação básica para filho de agricultores. Esses fatores vivenciados pelos piranhenses no período de seca fortalecia o poder dos ricos.

Notamos que, com a queda do Estado Novo em 1945, período tido como de redemocratização política do país, ocorreram em 1947 as eleições municipais em São José de Piranhas. O resultado das eleições foi de vitória do candidato Nelson Lacerda sobre o oponente Malaquias Barbosa. Durante a gestão de Nelson Lacerda, várias obras foram realizadas, como a criação de escolas na zona rural do município, construção de estradas (facilitando o deslocamento dos moradores dos sítios para a cidade), além da construção da praça Getúlio Vargas. “Essa praça foi construída pelo prefeito Nelson Lacerda no período de 1947/1951 com recursos próprios da prefeitura e tendo ao centro um coreto que foi demolido no governo do prefeito Luiz Gonzaga” (LIMA,2010,p.130).

Esta praça fica no ponto central da cidade, em frente à Igreja Matriz, local de encontro para a população piranhense. Na praça são realizados os eventos festivos e religiosos da cidade. Depois de várias reformas, o patrimônio apresenta características diferentes da primitiva praça dos anos de 1940.

Ainda no que diz respeito ao aspecto sociocultural, vale ressaltar que em 1944 São José de Piranhas já contava com um clube recreativo, “O Jatobá Clube, sociedade cultural e recreativa, que tinha sede própria, tinha como finalidade promover o desenvolvimento dos seus associados e incrementar a cultura física” (VIEIRA,2010,p.42). Importante colocar que o Jatobá Clube tinha a utilidade de propiciar aos sócios do clube um espaço de encontro, diversão e festas. Apenas homens eram sócios da entidade, e se tratavam de homens com poder aquisitivo na sociedade (por muito tempo os afro-brasileiros foram proibidos de entrar no Jatobá

Clube). Logo compreendemos que não era um espaço aberto de festas para a população piranhense, mas um espaço restrito para parte da sociedade.

No que diz respeito ao processo de transferência, ressaltamos que a cidade ficou conhecida por duas denominações: Jatobá e São José de Piranhas. Após a transferência, ao ser elevada ao *status* de cidade, passou-se a usar a denominação Jatobá por razões políticas e também devido a reivindicação de moradores daquela localidade¹. O nome de Jatobá permaneceu até 1952, quando projeto de lei restaurou o antigo nome: São José de Piranhas.

1.2 A SITUAÇÃO SOCIAL E RELIGIOSA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS ENTRE 1940 E 1960

A Igreja Católica sempre exerceu papel importante na formação das primeiras cidades do interior. Era comum nas sedes das grandes fazendas, com forte espírito religioso de seus primeiros habitantes, se erguerem rústicas capelas. Em torno da capela dava-se origem às povoações (arraiais), e junto delas os fazendeiros e seus agregados construía casas em suas proximidades, onde se reuniam para assistir missas e outros atos religiosos. A capela constituiu um fator de desenvolvimento para a povoação de São José de Piranhas. Vieira (2010) reforça essa idéia, mostrando que o Capitão Francisco Xavier de Miranda, ao adquirir as terras do sítio São José, onde montou a sua fazenda, levantou sob a proteção do Santo São José uma simples capela:

O espírito religioso daquela gente levou Francisco Xavier a edificar uma capela sob a proteção de São José [...] Localizava na margem direita do Rio Piranhas, e o seu nome primitivo - São José de Piranhas de Cima- está ligada ao Padroeiro São José (VIEIRA, 2010, p.25)

Ali a povoação ia se organizando em pequenas casas ao redor da capela e se expandindo para as margens do rio Piranhas, dando origem a configuração urbana.

¹Ainda hoje permanece essa duplicidade de nomes. Notamos no livro ata da igreja Evangélica Congregacional, nos primeiros registros da assembléia, que o secretário assina no livro de ata como “Cidade de Jatobá”. Cf.: Acervo de documento da secretaria da Igreja Evangélica Congregacional. Folhas: 01 a 55.

O autor Deusdedit Leitão (1985) supõe que a capela de São José de Piranhas tenha sido levantada no início do século XIX, com a mesma origem da formação de outras comunidades da região. O presidente da província, Capitão-Mor Francisco Xavier Miranda, sancionou a lei nº13, em 10 de novembro de 1840, em que criava a Freguesia de São José de Piranhas de Cima. A capela, antes filiada à Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios em Sousa, tornava-se assim uma Paróquia.

Mediante a construção do Açude de Boqueirão de Piranhas (Engenheiro Ávidos) e com a futura inundação da vila, as autoridades passaram então a providenciar uma nova localidade para transferência. Como vimos, o local escolhido foi o sítio Jatobá, visto naquele momento como solução plausível para os moradores que teriam suas casas e terras afetadas com a água do boqueirão recomeçarem suas vidas.

Deusdedit Leitão (1985, p. 105) faz a seguinte descrição:

Jatobá era uma pequena povoação, com uma capelinha construída em 1902, que tinha São Sebastião como seu padroeiro, lugarejo paupérrimo, com menos de dez casas, só tinha algum movimento em dias de celebração de missas na sua capela.

Com base na citação, é perceptível a presença da religião na sociedade piranhense sempre representada pela Igreja Católica. Os moradores mais antigos daquela localidade já celebravam na capela de São Sebastião (hoje bairro com o mesmo nome) a tradicional festividade religiosa, que já existia antes mesmo da fundação da cidade. Tradicionalmente, todo dia 20 de janeiro, fiéis católicos participam das festividades em homenagem ao co-padroeiro São Sebastião, com novenário e missas celebradas na capela por padres da região. A festividade se divide em celebrações religiosas e festa social de encerramento. É comum no encerramento do evento religioso uma grande procissão seguida de fiéis que percorrem as principais ruas da cidade carregando a imagem de São Sebastião.

Após ter sido escolhido o local para construção da sede do município, Jatobá passou a receber os primeiros investimentos como resultado das indenizações dos prédios públicos da antiga vila, sob o comando de projetos urbanísticos do engenheiro Sílvio Aderne: foram erguidas a prefeitura municipal, a Igreja Matriz (que teve sua obra concluída anos depois pelo padre Nicolau L. de Sousa), a cadeia pública, além de ruas centrais e o telégrafo.

No tocante à religiosidade, em São José de Piranhas, o Historiador e escritor João Rolim Cunha argumenta:

A Igreja de São José de Piranhas tem presença de grande templo, dado ao seu espaçamento e posição em que se encontra, virada para o poente, está no alto de onde se ver toda cidade. Diríamos melhor: de onde São José contempla seus filhos abençoando todo instante (CUNHA *apud* VIEIRA, 2014, p.123).

Com base na citação, observamos como o percurso de toda a cidade girava em torno da Igreja, através dos dogmas do catolicismo romano como sinal de obediência e proteção. As famílias que possuíam melhores condições iam ocupando os melhores terrenos ao redor da igreja, e construindo casas ao lado da Matriz, formando as principais ruas da cidade, tidas como a “rua dos ricos” (hoje, centro).

O padroeiro da cidade é o Santo São José. A paróquia realiza, anualmente em 19 de março, uma festa tradicional em comemoração ao padroeiro. As comemorações a São José são realizadas através de novenários que contam com a presença de vários fieis. Há também as atividades socioculturais, que integram as festividades com apresentações de cantores e bandas locais. Assim como nas festividades de São Sebastião, a comemoração é encerrada com uma procissão, seguida por inúmeros devotos que carregam a estátua de São José pelas ruas da cidade. Segundo Deusdedit Leitão (1985), o próprio topônimo “São José de Piranhas” está ligado ao santo da Igreja católica, a quem os sertanejos devotos clamam por chuva nos períodos de seca.

É importante destacarmos, ao longo dessa pesquisa, a forte atuação da Igreja Católica no processo de formação da cidade de São José de Piranhas, desde os primórdios de sua fundação e povoamento, perpassando a etapa de transferência.

Frisamos que mesmo com as dificuldades existentes, a Igreja Católica sempre manteve a sua hegemonia e poder na localidade. Não se trata só de uma ampla presença física da Igreja Católica, onde outra religião dificilmente encontraria espaço para se inserir, mas de uma influência religiosa onde outra pregação dificilmente alcançaria a área espiritual. Sendo assim, após os primeiros anos de instalação da paróquia em sua nova sede, por volta de 1940, chegaram os primeiros missionários protestantes forasteiros à cidade de São José de Piranhas para pregar a religião cristã protestante.

Para concluirmos o presente capítulo, gostaríamos de trazer ao leitor alguns registros fotográficos da cidade de São José de Piranhas.

Vários anos após a construção do açude do boqueirão, nos longos períodos de estiagem, é possível ver o que sobrou das construções da antiga vila de São José de Piranhas, hoje atual distrito de Piranhas Velha.

FIGURA 1: ruínas da Igreja, na antiga São José de Piranhas.



Fonte: Acervo pessoal da autora, agosto de 2016.

A paróquia, que teve o intento de servir a população piranhense com celebrações de vários casamentos, batizados, festividades ao padroeiro (São José), foi totalmente esquecida e emergiu sob o tempo e as águas, hoje o que resta são apenas ruínas das colunas e da torre espalhados pelo chão.

A única construção que não foi destruída pelas águas do açude e continua de pé até hoje foi o prédio da agência dos correios e telégrafos, devido a sua construção ter sido realizada na parte mais alta da cidade, afastando-se do leito do rio. O prédio que funcionava como correio municipal foi transformado em escola municipal (atual Escola Clamídia Pereira de Negreiros desde 2006). A escola serve para estudantes do povoado de Piranhas Velhas e sítios vizinhos

FIGURA 2: sede do antigo correio de São José de Piranhas.



Fonte: Acervo pessoal da autora, agosto de 2016.

Dentre os escombros da antiga cidade, reaparecem as ruínas do velho cemitério municipal, com uma única catacumba à mostra.

FIGURA 3: catacumba que restou do velho cemitério municipal.



Fonte: Acervo pessoal da autora, agosto 2016.

Em épocas de forte seca, a queda do nível das águas da barragem de Boqueirão permite aos curiosos alcançar o local onde foi sediada a antiga cidade, um ponto turístico para estudantes e interessados na história de São José de Piranhas. É possível rever muitos alicerces das antigas casas e prédios que resistem à ação do tempo.

FIGURA 4: Ruínas da antiga urbe São José de Piranhas, com Açude do Boqueirão totalmente seco.



Fonte: Acervo pessoal da autora, agosto de 2016.

CAPÍTULO II

PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Este capítulo tem por objetivo apresentar um breve esboço histórico do protestantismo no Brasil. Protestantismo é o termo usado para se referir ao movimento de igrejas oriundas da Reforma religiosa no século XVI. É uma religião diversificada e, dentre tantas ramificações do protestantismo (imigração, missão, pentecostais, neopentecostais), limitar-me-ei especificamente ao protestantismo de missão, me baseando no congregacionalismo, que é um dos ramos que chegou no Brasil em meados do século XIX. Dessa forma, procuramos analisar de que maneira se deu a expansão do protestantismo, delimitando-se especificamente ao congregacionalismo², que é o nosso objetivo de pesquisa para o Alto Sertão Paraibano, mais precisamente para a cidade de São José de Piranhas.

Objetivamos também mostrar em síntese a maneira como os protestantes e, exclusivamente o congregacionalismo, tiveram a sua inserção a partir do século XIX no Brasil imperial, narrando alguns dos episódios mais importantes dessa inserção e ao mesmo tempo destacando no cenário político e religioso da época as fortes restrições sofridas pelos protestantes no processo de introdução e fixação em solo brasileiro. Dessa forma, faremos uma aproximação com autores que trabalham a temática e têm se lançado no campo de pesquisa para analisar processo histórico da introdução e fixação do protestantismo no Brasil, a exemplo de Antônio G. Mendonça (2008), Emile Leonard (1981) e Alderir de Souza Matos (2004), autores primordiais para este trabalho.

2.1 ESBOÇO HISTÓRICO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

Matos (2011) ao apresentar a história do protestantismo no Brasil, classifica em três vias distintas: existiu o protestantismo de Invasão(quando grupos protestantes

² “O congregacionalismo é o regime de governo eclesiástico conhecido onde cada congregação local é autônoma e independente. A igreja local possui autonomia para sua própria reflexão teológica, expansão missionária, relação com outras congregações e seleção de seu ministério”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Congregacionalismo>>. Acesso em: 07/07/2016.

invasores, isto é, franceses e holandeses estiveram no Brasil no período colonial); o protestantismo de imigração (quando em 1810 foram assinados os tratados entre Portugal e Inglaterra, e intensificou-se a entrada de estrangeiros no Brasil); e o de missão (quando a partir de meados do século XIX se intensificou o trabalho de evangelização com o propósito de propagar a fé protestante entre os brasileiros).

No que se refere ao protestantismo no Brasil, pesquisadores do tema, a exemplo de Antonio Mendonça (2008) e Emile Leonard (1981) dão ênfase à inserção da presença protestante em solo brasileiro a partir do século XIX. Na concepção desses autores, as tentativas anteriores de implantação protestante no Brasil fracassaram, e os protestantes se foram sem deixar vestígios. De acordo com Mendonça e Velasque Filho (1990), o protestantismo teve o momento de inserção e consolidação definitiva no Brasil no século XIX em dois momentos distintos. Com o Protestantismo de imigração, a sua primeira abertura se deu quando ocorreu a abertura dos portos brasileiros ao comércio inglês (1810). Ainda neste contexto, o autor supracitado está se referindo à dependência econômica de Portugal em relação a Inglaterra, que culminou com a abertura dos portos brasileiros aos ingleses pelo tratado de Aliança e Amizade, e Comércio e Navegação, firmados em 1810. Souza (2013), ao citar o escritor e historiador Alderir de S. Matos, diz:

Em fevereiro de 1810, Portugal e a Inglaterra assinaram dois importantes tratados, um de Aliança e Amizade e outro de Comércio e Navegação. O primeiro assegurou que a Inquisição não seria estabelecida no Brasil, ao passo que o segundo, em seu Artigo 12, pela primeira vez permitiu a prática legal do culto protestante no Brasil. O documento concedeu aos súditos britânicos e outros estrangeiros acatólicos, perfeita liberdade de consciência para praticar a sua religião, contanto que suas igrejas e capelas se assemelhassem externamente a casa de residência e não possuíssem sinos, bem como os protestantes não fizessem proselitismo entre os brasileiros nem pregassem contra a religião oficial (MATOS *apud* SOUZA, 2013, p. 1125).

Esse acordo acarretou importantes mudanças no cenário político brasileiro, ao passo que o tratado de Comércio e Navegação, em seu artigo 12, estabelecia que os estrangeiros que pretendiam vir para ao Brasil não seriam perseguidos por motivos de religião. Desse modo, quando foi conquistada a liberdade religiosa para os estrangeiros protestantes, começou a migração de cristãos reformados europeus para o Brasil. Aos

poucos chegavam os anglicanos, imigrantes alemães luteranos, ingleses formando suas comunidades protestantes.

Ainda Segundo Mendonça e Velasque Filho (1990),foi na segunda metade do século XIX que o Brasil recebeu o segundo maior impulso de protestantes no Brasil, com o chamado Protestantismo de missão, representado por indivíduos e organizações da Europa e principalmente dos EUA.Os primeiros missionários que aportaram no Brasil tinham em seu projeto propagar sua fé e estabelecer igrejas protestantes em solo brasileiro. São oriundos do que chamamos desse Protestantismo: Igreja de Regimento Congregacional, Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal.

Léonard (1981), ao abordar o tema do Protestantismo brasileiro, faz menção aos primeiros missionários estrangeiros e às primeiras manifestações de um protestantismo autônomo no Brasil no século XIX. O autor defende a tese de que duas circunstâncias foram favoráveis para a propaganda do protestantismo estrangeiro na nossa cultura: primeiro, a necessidade de imigrantes para trabalhar no Brasil, e segundo, as disposições do imperador D.Pedro II.

Ao abordar a imigração como fator favorável a inserção do protestantismo no Brasil é importante ressaltar que após a independência do Brasil houve um incentivo governamental para avinda de imigrantes ao país, bem como houve também o compromisso aceito por Portugal com a assinatura do tratado de 1810 com a Inglaterra, de extinguir o tráfico negreiro, e conseqüentemente, fazendo surgir a necessidade de novos trabalhadores para substituir os africanos que deixaram de vir para o Brasil. O governo instalado no Brasil precisava aumentar suas rendas, e o imperador previu que era dos países protestantes que se esperava o maior número de imigrantes necessários ao Brasil, “para tanto era necessário assegurar aos mais ‘evoluídos’ desses colonos esperados, pertencentes a nações protestantes, a possibilidade de exercer seu culto e de nele educar seus filhos” (LEONARD, 1981, p. 48). Logo,compreendemos que não havia um sistema político a favor da inserção do protestantismo, mas a necessidade política e econômica que o país vivia no século XIX de trazer imigrantes, tornava necessário assegurar o direito de liberdade de culto aos acatólicos que aqui chegavam, ainda que se tratasse de uma tolerância limitada. Alderir Sousa de Matos (2011)destaca o art. 5º da constituição vigente de 1824: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com

seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”(MATOS, 2011, p. 08).

A Constituição Imperial de 1824 era clara em relação a restrita participação religiosa de grupos acatólicos que chegavam no Brasil, embora tenha sido promulgada a legitimidade a todas as profissões cristãs, e a liberdade religiosa sido assegurada, a Igreja Católica continuava por excelência sendo a religião oficial do Estado Brasileiro. Cabia aos protestantes se limitar dentro das normas legais, com restrições aos lugares de cultos, da ação prosélita e a edificação de templos.

Sendo assim, não imaginemos uma convivência fácil para os cristãos protestantes que inicialmente residiam ou pretendiam vir para o Brasil, uma vez que a constituição assegurava a presença de protestantes na vida nacional, ao mesmo tempo que limitava a sua participação na vida política. Um exemplo disso são os registros de nascimento e casamento civil feitos pela Igreja Católica. As cerimônias religiosas só eram legítimas se celebradas pelo catolicismo romano. Outro exemplo são os cemitérios, que eram administrados exclusivamente pela Igreja Católica Romana. Os acatólicos não tinham o direito a sepultamento em cemitérios públicos, o que tornava muito difícil a vida dos protestantes. Não obstante a liberdade de consciência prevista na constituição, “nada autorizava aos não católicos a fundação de uma família legítima, sem uma cerimônia e promessas que eles não poderiam aceitar. Da mesma maneira, se previa com relação ao registro de seus filhos ou sepultamento de seus mortos” (LÉONARD, 1981, p.52).

Mediante este cenário político-social do Brasil do século XIX, os missionários que aqui conseguiam chegar após longas viagens traziam, por sua vez, uma mensagem religiosa muito difícil de ser estabelecida por ser um momento em que o país estava em fase de construção e eram muitas as agitações sociais. Além disso, havia as dificuldades internas de uma nova língua, que muitos missionários estrangeiros não conheciam e nem dominavam, existia a diferença de costumes, de cultura enraizada fortemente no catolicismo Romano, além das restrições estabelecidas pela constituição vigente, como já foi apresentado anteriormente.

De acordo com Alderir de Souza Matos (2011) as primeiras organizações que atuaram dando suporte junto aos protestantes no Brasil foram as sociedades bíblicas britânica e estrangeiras (1804) e a Americana (1816). Com o trabalho de colportagem,

os chamados distribuidores de bíblia prepararam terreno para as futuras igrejas que se estabeleceram no Brasil entre os séculos XIX e XX. Ainda para Matos (2011), a Igreja Metodista Episcopal foi a primeira denominação a dar início às atividades missionárias junto aos brasileiros (1835-1841), tendo à frente dos trabalhos o missionário metodista norte-americano Daniel P. Kidder, considerado uma das figuras mais importantes nos primórdios do protestantismo brasileiro. Daniel P. Kidder viajou todo o Brasil distribuindo bíblias. Vale destacar, porém, que esta foi a primeira tentativa de organizar um trabalho permanente em língua portuguesa, e que não prosperou talvez por dificuldades financeiras de sua missão e as restrições impostas pelas leis no Brasil do século XIX.

Junto com grupos de imigrantes cristãos que desempenharam atividades missionárias, podemos mencionar o presbiteriano norte-americano reverendo James Cooley Fletcher, representante oficial da Sociedade Bíblica Americana. Ele teria sido o responsável por influenciar o missionário Robert Reid Kalley a vir para o Brasil, sob a perspectiva que o Império necessitava de evangelização.

Ainda de acordo com Matos (2004, p. 69), “Robert Reid Kalley é geralmente aceito como missionário que estabeleceu a mais antiga Igreja evangélica com serviços religiosos em português no Brasil”.

De acordo com Antonio Mendonça (2008), o protestantismo no Brasil, até meados do século XIX, era constituído basicamente de estrangeiros, existia poucos brasileiros convertidos. Quando em 1855 chegou no Brasil o missionário Dr. Robert R. Kalley, que fugindo de violentas perseguições religiosas na Ilha da Madeira se refugiou em Petrópolis-RJ, onde começou o trabalho de atividades prosélicas em língua portuguesa.

2.2. OS PRIMÓRDIOS DO CONGREGACIONALISMO NO BRASIL: SURGIMENTO E EXPANSÃO

Robert Reid Kalley era médico. Após sua conversão dedicou-se a projetos missionários. À princípio, o Dr. Kalley planejava desenvolver um trabalho de evangelização na China, mas devido ao estado de saúde em que se encontrava sua esposa, D. Margareth, resolveu ir para a Ilha da Madeira, na costa portuguesa, onde

chegou em 1838. Ali o doutor desenvolveu uma pioneira obra de evangelização valendo-se de um ministério de assistência médica solidária. Contudo, devido às terríveis perseguições movidas pelo clero católico com conivência das autoridades portuguesas, Dr.Kalley foi obrigado a deixar a Ilha juntamente com sua esposa e outros crentes. Após o falecimento de sua primeira esposa, Mrs. Margareth, em 1851, o Dr.Kalley conheceu a jovem Sarah Poulton, com quem veio a se casar em 1852.Este casamento contribuiu eventualmente para a obra de evangelização no Brasil (PORTO FILHO, 1997).

Segundo Mattos(2004), em 1853/54 o casal Kalley partiu para Illinois (EUA) para visitar os madeirenses que ali se haviam refugiado por causa das perseguições, e passando em Nova York, esteve na Sociedade Bíblica Americana. Naqueles dias o presidente da sociedade recebeu uma carta do pastor James Cooly Flether que estava no Brasil e pedia ajuda e envio de alguns refugiados madeirenses para trabalharem nesse país como *colportores* das sociedades bíblicas. Conhecedor dessa informação e da necessidade que se encontrava o Brasil, o próprio Kalley decidiu vir ajudar.

De Acordo com Matos (2011), em maio de 1855 chegaram no Brasil o Dr. Kalley e sua esposa, Sarah Kalley, os quais fixaram moradia em Petrópolis.Em agosto do mesmo ano, fundaram a primeira Escola Dominical³ permanente do país. Este foi o início do trabalho de evangelismo no solo brasileiro permanente e em língua portuguesa.

Segundo Porto Filho (1997), Em 1858 foi fundada a primeira igreja evangélica de regime congregacionista no Brasil: A chamada Igreja Evangélica Fluminense. Vale ressaltar que as celebrações religiosas e as demais atividades eram realizadas em língua portuguesa, sendo o Missionário Dr. Robert Kalley o principal organizador da Igreja Evangélica Fluminense. Em consequência de um árduo trabalho de evangelização, o trabalho da Igreja congregacional se expande para o Nordeste quando em 1873 foi fundada a Igreja Evangélica Pernambucana também organizada pelo Dr. Kallley.

³ “A Escola Dominical surgiu na Inglaterra, com o propósito de evangelizar crianças que ficavam sem atividade durante os serviços de domingo. Atualmente, esta atividade envolve os membros da congregação, em todas as faixas etárias e acontece em horário diverso ao serviço religioso. No Brasil, a maioria das comunidades adota a Escola Dominical matinal e os serviços religiosos vespertinos”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Dominical>. Acesso em: 12/05/2017.

Josenildo José da Silva (2012), tratando da implantação do cristianismo protestante no Alto Sertão Paraibano, destaca o trabalho das primeiras juntas missionárias, responsáveis pelo envio dos missionários para o Sertão Paraibano:

As primeiras missões e juntas missionárias protestantes evangélicas a enviarem missionários para o sertão paraibano foram na verdade missões protestantes evangélicas estrangeiras do sul dos Estados Unidos que vinculadas às denominações Presbiterianas e Congregacionais já instituídas no Brasil procuraram lançar a semente cristã protestante nas primeiras vilas e cidades que haviam se constituído no sertão do Estado da Paraíba (SILVA, 2012, p.22).

Com base na citação, o autor está se referindo à missão americana PCUS (Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos) que foi responsável por uma grande obra de evangelização e crescimento do presbiterianismo no Nordeste brasileiro. E a UESA (Missão Evangélica Sul Americana) desempenhou um papel importante de apoio a missões brasileiras vinculadas às Igrejas Congregacionais.

A Igreja Congregacional foi pioneira em muitas cidades do estado da Paraíba, a exemplo de Patos, Catolé do Rocha, Marizópolis e também em São José de Piranhas. Segundo Silva (2012), o trabalho evangelístico de missionários congregacionais no Nordeste brasileiro contou com apoio da Igreja Evangélica de Campina Grande. Esta cidade era o maior centro de polarização de denominações congregacionais no Alto Sertão paraibano.

Reforçando essa idéia, Josenildo José da Silva (2012) em sua obra monográfica “A propagação do Cristianismo protestante no Sertão Paraibano entre 1890 e 1930”, afirma que os primeiros missionários protestantes congregacionais que desenvolveram o trabalho de evangelização no Alto Sertão Paraibano, tiveram apoio e missão ligadas a Igreja Congregacional de Campina Grande e juntas missionárias inglesas (Missão Evangélica Sul Americana-UESA).

Assim como José Josenildo da Silva (2012), consideramos importante destacar o papel da UESA, uma vez que esta foi responsável pela fundação do Instituto Bíblico Betel em 1934. “O Instituto Bíblico Betel é fundado na cidade de Patos, no Sertão

Paraibano, pela união Evangélica Sul Americana (UESA) e dirigido pela canadense Nelie Ernestine Home”⁴.

Do Instituto Bíblico Betel nasceu o Instituto Bíblico Betel Brasileiro, dirigido pela missionária Lídia Almeida de Menezes a partir de 1968. Instituição religiosa, o Betel Brasileiro é um seminário teológico evangélico com o objetivo de capacitar homens e mulheres acadêmica e teologicamente para obras missionárias no Brasil e em outros países.

Durante a realização desse trabalho, observamos que a Missionária Lídia Almeida de Menezes era natural de São José de Piranhas e cedo começou um trabalho de evangelização na sua terra natal e em todo o Nordeste brasileiro, ligada à missão evangelizadora de Campina Grande.

Lídia Almeida de Menezes nasceu em 14 de abril de 1930, no Município de São José de Piranhas, no sertão da Paraíba. Teve sua experiência de conversão a Cristo aos treze anos de idade, tendo sido evangelizada pela própria mãe, que conheceu o Evangelho por meio dos missionários ingleses Harry Briault e Freida. De 1945 a 1948, estudou Teologia em João Pessoa, no Instituto Bíblico Betel – um internato para moças, mantido pela Missão UESA (União Evangélica Sul-Americana). Nessa escola, ela foi indelevelmente edificada em Cristo, mediante o ministério dedicado da educadora canadense Nellie Ernestine Horne, e recebeu o revestimento do Espírito Santo. Logo iniciou suas atividades evangelísticas onde nasceu, tendo sido enviada para lá pela Missão Evangelizadora do Nordeste, órgão criado pela Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande (PB)⁵.

Segundo Maria Guedes de Figueiredo (2016) em sua obra intitulada “Catolé do Rocha, berço da evangelização no Alto Sertão da Paraíba”, o trabalho evangelístico cresceu em Catolé do Rocha e em outras regiões do sertão a partir de visitas do missionário inglês Harry Briault. “Em 1927 o missionário Briault, transferiu o seu pastorado da Igreja de Campina Grande para o Rev. João Ximenes e veio residir na cidade de Patos-PB com objetivo de abrir um trabalho local e dar assistência aos campos do Sertão” (FIGUEIREDO, 2016, p.18)

⁴QUEM SOMOS. Betel Brasileiro. Disponível em:

<www.betelbrasileirosantoandre.com.br/quem_somos.htm>. Acesso em: 12/05/2017.

⁵LÍDIA ALMEIDA DE MENEZES. Instituto Bíblico Betel Brasileiro. Disponível em:

<www.betelbrasileiro.com/index.php/institucional/.../Lidia-almeida-de-menezes>.

em:12/05/2017.

Compreendemos que houve um trabalho de disseminação da religião cristã protestante por todo o Alto Sertão da Paraíba. Observamos que antes de chegar ao município de São José de Piranhas, os missionários congregacionais, a exemplo de Briault, Nelie Ernestine, o Rev. Antonio Neto, primeiro evangelizaram nas cidades de Marizópolis e Sousa, quando em 1942 fundou-se a Igreja Congregacional naquela localidade⁶.

A partir de então, através da missionária Lídia Almeida, foi estendido esse trabalho evangelístico para São José de Piranhas, onde em princípio os cultos protestantes eram realizados na zona rural, no sítio Mulungu, na casa do senhor José Mendes, pai da missionária Lídia. Posteriormente, foi fundada uma igreja na cidade no ano de 1946.

⁶Cf.: “A origem da Igreja de Marizópolis”, texto cedido pela professora Maria Guedes de Figueiredo em março de 2016.

CAPÍTULO III

O PROTESTANTISMO NA SOCIEDADE PIRANHENSE

Este capítulo trata da chegada do protestantismo no município de São José de Piranhas, destacando como se deu o seu processo de inserção e consolidação, mais precisamente da denominação Cristã Protestante Igreja Congregacional. Vale ressaltar que atualmente existem várias denominações protestantes na cidade de São José de Piranhas⁷, porém o nosso objetivo está voltado apenas para o congregacionalismo, por ter sido a primeira denominação protestante a se inserir no espaço religioso da sociedade piranhense.

Dessa forma, procuramos compreender como se deu a introdução do protestantismo na sociedade piranhense, ainda nas proximidades do sítio Mulungu, localidade onde teve início o trabalho de evangelização da população. Esta evangelização era assistenciada por missionários da cidade de Campina Grande–PB. Iremos, portanto, analisar como ocorreu o processo de difusão e consolidação para a cidade de São José de Piranhas no ano de 1946-1960. No decorrer do texto, utilizaremos da sigla IEC, como referência à Igreja Evangélica Congregacional.

Os primeiros missionários protestantes que chegaram a região, em meados do século XX, com uma nova mensagem religiosa cristã protestante, foram inseridos num contexto de reedificação na nova cidade de São José de Piranhas logo após o processo de transferência da sede em 1937. No entanto, constatamos no decorrer da pesquisa que já havia presença de pessoas que praticavam o protestantismo na região, consolidado o trabalho evangelístico protestante a partir de 1946 através da construção do templo.

Partindo dessa perspectiva, observamos que desde os primórdios de sua fundação, São José de Piranhas teve a religião predominantemente representada pelo catolicismo romano, sendo assim, procuramos entender como se deu a inserção do protestantismo na cidade e a construção do templo da IEC, apresentando as possíveis

⁷ Enumeramos a Igreja Assembléia de Deus, Igreja Água da Vida, Igreja Evangélica Real de Deus, Igreja Sermão da Montanha, Igreja Nova Aliança, entre outras, sendo a Igreja Evangélica Congregacional a pioneira na cidade.

dificuldades enfrentadas por aqueles protestantes para se firmar em uma sociedade tradicionalmente católica.

Colhemos os depoimentos das pessoas que participaram do processo de formação da IEC em São José de Piranhas. Salientamos que não temos conhecimento de nenhum trabalho acadêmico dedicado à inserção do protestantismo naquela cidade. Exploramos os escritos e a história da denominação Congregacional na referida cidade no século XX através da obra de Ferreira e Santana Filho (2016), intitulada “Igreja Evangélicas Congregacionais do Brasil”, que aborda de modo geral algumas informações a respeito do protestantismo na região de São José de Piranhas. Também nos dedicamos a análise do livro da Ata das Assembléias de Membros da IEC e foi fundamental para este trabalho.

3.1 A FUNDAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB (1946-1960)

Com base nas informações dos primeiros cristãos protestantes que participaram do processo de formação da primeira IEC, constatamos que o protestantismo chegou ao município de São José de Piranhas por meio do proprietário de terras José Mendes e sua esposa, Idelzuith Almeida. Essa informação nos foi passada por Dona Guilhermina Alves Menezes, atualmente com 88 anos de idade, residente no bairro São Sebastião, natural do Rio Grande do Norte⁸. A Sra. Guilhermina relatou que chegou à Paraíba no ano de 1942, juntamente com sua família, quando passou a morar de favor nas terras do Senhor José Mendes, Sítio Mulungu, que se localiza a nove quilômetros de distância da cidade. A depoente destaca que o patrão José Mendes era protestante, e tinha uma filha moça chamada Lídia. Lídia Almeida de Menezes era missionária, dedicando-se ao trabalho de evangelização entre os próprios familiares e moradores de sua propriedade.

Mediante a informação obtida, vale ressaltar que o trabalho evangelístico na cidade de São José de Piranhas em seus passos iniciais contou com o apoio de Lídia Almeida de Menezes, que ainda na sua juventude, entre os anos de 1945 e 1948, foi estudar em João Pessoa, no Instituto Bíblico Betel mantido pela UESA. Ali, sob o

⁸Relatos orais da senhora Guilhermina Alves dos Santos, em entrevista a nós concedida no dia 09 de março de 2016.

comando da missionária e educadora canadense Nellie Ernestine, Lídia Almeida foi preparada para se tornar missionária, e cedo iniciou o trabalho evangelístico em sua terra natal.

FIGURA 5: Antiga casa que pertenceu ao Senhor José Mendes - Sítio Mulungu



Fonte: Acervo pessoal da autora, agosto de 2016.

A figura acima apresenta a casa que pertenceu ao senhor José Mendes, local onde provavelmente nasceu a missionária Lídia Almeida de Menezes. A senhora Guilhermina, por meio de seu relato oral, nos contou que os primeiros cultos eram celebrados na residência do patrão José Mendes com auxílio da Missionária Lídia Almeida e pastores que vinham das cidades de Campina Grande, João Pessoa, e também de Marizópolis, todas no estado da Paraíba.

Não havia cultos com frequência, o que não desanimava os primeiros conversos protestantes que ao longo do tempo começaram a propagar sua fé e expandir sua crença para a cidade de São José de Piranhas. Ainda com pequeno número de adeptos, o trabalho evangelístico protestante passou a ser realizado também na zona urbana, contando com apoio de Joaquim Pereira.

As primeiras celebrações de culto protestante eram feitas em um salão, localizado na rua Malaquias Barbosa, no centro da cidade, com reduzido número de conversos, formando uma pequena congregação⁹. “A congregação era composta por 4 famílias: a família de Joaquim Pereira de Souza, Joaquim Batista, José Mendes e

⁹“No contexto protestante ou evangélico, principalmente entre as igrejas tradicionais, este termo é utilizado normalmente para se referir a uma igreja que ainda não possui condições de se manter, pelo qual depende de uma igreja maior ou de um concílio de igrejas”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Congregação>>. Acesso em: 07 de outubro de 2016.

Joaquim Faustino. A assistência pastoral era dada pelo Pr. José Emídio Sobrinho, de Marizópolis-Sousa” (SANTANA FILHO, 2015,p.430)

Em análise feita do Livro Ata da Igreja Evangélica Congregacional observamos que em 13 de fevereiro de 1946 ocorreu a primeira sessão ordinária da IEC de São José de Piranhas, sob a responsabilidade do Rev. José Emídio Sobrinho, com a presença de dezessete membros. Conforme podemos perceber na ata de nº 01, que ali se formava e organizava uma comunidade evangélica, a qual buscava autonomia em relação a Igreja de Marizópolis-Sousa, isso se deve ao fato das igrejas de tipo congregacional possuírem um tipo de governo autônomo: “O congregacionista constitui-se em uma Igreja completa e autônoma, não sujeita a termos de igreja a qualquer outra entidade senão sua própria assembléia” (PORTO FILHO, 1997, p. 9)¹⁰.

Era justamente o que a Congregação de São José de Piranhas buscava neste nosso período de estudo. Para tal independência administrativa alegou-se que a congregação já possuía número de membros suficiente e atendia aos requisitos do regime interno das Igrejas Congregacionais do Brasil para atuar como igreja. Durante a assembléia foram formalizados os cargos administrativos da igreja, sendo Joaquim Pereira de Sousa escolhido como presbítero, e o senhor José Mendes e Joaquim Batista eleitos diáconos. Cargos como de tesouraria, diretoria e secretário também foram decididos, todos submetidos a votação e aceitos por unanimidade¹¹.

Em 1946 foi construído o templo na Rua Malaquias Barbosa, no centro da cidade, e existe até os dias atuais. Não tivemos informação acerca de quem era o proprietário do terreno em que foi erguido o prédio da igreja. Constatamos em análise do Livro Ata nº03 que em uma assembléia de membros presidida pelo presbítero Joaquim Pereira, em que foram apresentadas propostas de trabalho para a construção do piso, como também compras de bancos, de púlpitos e de duas cadeiras para celebração de ceia (eucaristia), o que mostra que havia uma carência de bens e dificuldades financeiras para edificação do templo.

¹⁰“O sistema de governo Congregacional é aquele em que a Igreja se reúne em assembléias, para tratar de questões surgidas no seu dia-a-dia e tomar decisões relacionadas ao desenvolvimento de seus trabalhos. O poder de mando de uma Igreja Congregacional reside em suas assembléias”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Governo_eclesiástico>. Acesso em: 07 de outubro de 2016.

¹¹ Informações obtidas através da análise da Ata de nº 01, do dia 13 de fevereiro de 1946. ATA de sessões ordinárias da Igreja Evangélica Congregacional de São José de Piranhas-PB.

A Sra. Guilhermina nos contou que se tratou de um processo lento, em que os membros, ou seja, os integrantes protestantes que faziam parte da IEC, ajudaram na obra de construção do templo, com trabalho braçal; os membros que não podiam trabalhar, davam contribuição em dinheiro ou faziam as refeições para alimentar os trabalhadores na obra, o que mostra que não se tratou de um processo rápido.

FIGURA 6: prédio original da IEC, mantendo a mesma forma arquitetônica nos dias atuais.



Fonte: álbum de família da Pastora Eugenia Maria Batista de Lira.

Ressaltando que o trabalho evangelístico de inserção e implantação do protestantismo em São José de Piranhas contou com apoio de inúmeros cooperadores, ou seja, missionários, observamos que a congregação, antes ligada ao campo missionário de Marizópolis-Sousa ao ser constituída igreja, passou a receber assistência pastoral também de Campina Grande-PB.

A primeira Igreja Congregacional da Paraíba foi fundada em 15 de novembro de 1920 pelo missionário inglês Harry G Briault, e teve como sucessor o pastor João Clímaco Ximenes, em Campina Grande. A igreja de Campina Grande representa um grande marco referencial no processo de difusão do protestantismo para o Sertão paraibano e, especificamente, para o município de São José de Piranhas.

Através da análise da Ata da Igreja Evangélica Congregacional é possível perceber nos registros de assembleias de membros a visita do pastor João Clímaco Ximenes, que era da cidade de Campina Grande-PB. Quando vinha o pastor em visitas, sempre eram realizados batismos, conforme registros na Ata nº2, escrita no dia dezoito de abril de mil novecentos e quarenta e oito. Na ocasião, foram apresentadas as seguintes pessoas para profissão de fé e batismo: Almeida, Maria Ventura, Virginia, Maria da Conceição, Guilhermina, Lucio, Idelzuithy Martins, Francisco Lucio Martins, Joaquim Faustino, Rivaldo Martins, Elza Martins. Todos submetidos ao batismo, ingressaram como membros da igreja local.

As visitas do pastor nos levam a constatar que ao longo do período de inserção e consolidação da IEC, a mesma pouco contava com auxílio de pastor itinerante, que passava meses sem visitar a igreja IEC devido a distância percorrida de Campina Grande para São José de Piranhas. Dificuldades frequentes que enfrentavam os primeiros missionários protestantes que não possuíam um meio de transporte, passavam dias e noites viajando entre pequenas veredas e estradas sertão a dentro, e utilizavam como meio de transporte os lombos de animais.

Muitas vezes, ao chegar na cidade, encontravam um espaço de resistência para a disseminação da fé protestante, contudo, percebemos que os primeiros conversos não possuíam uma assistência pastoral, e mesmo assim continuaram perseverando em sua fé.

FIGURA 7: presbítero Joaquim Pereira e sua esposa, Ana Lira.



Fonte: álbum de família do pastor Daniel Braz de Lima.

A figura acima é um retrato do presbítero Joaquim Pereira e sua esposa, Ana Lira, que era zeladora da igreja¹². Na ausência do pastor fixo para liderar e auxiliar a expansão do trabalho evangelístico em São José de Piranhas, os primeiros cristãos que adotaram a fé protestante contaram com apoio do presbítero Joaquim Pereira. Ele era o principal responsável pela celebração de cultos na semana e pela escola dominical. Além de ser o principal colaborador na edificação do templo, por ter o ofício de pedreiro, muitas vezes levantava recursos de sua própria renda para ajudar na construção da igreja.

Importante frisar que a Igreja Evangélica Congregacional da cidade de Campina Grande dava apoio assistencialista a IEC de São José de Piranhas, sobretudo enviando pastores eventualmente para realizar batismos e celebrar as santas ceias. Mas nunca ajuda financeira. Analisamos, na leitura da Ata da IEC, que durante as assembléias de membros que aconteciam mensalmente, era sempre apresentado o relatório financeiro do mês anterior. Em alguns registros, lemos que o saldo que ficava das despesas era encaminhado para a Missão Evangelizadora de Campina Grande-PB¹³. O que nos faz pensar que apesar de existir uma igreja em passos iniciais de formação, com pequeno número de conversos, a pequena IEC de São José de Piranhas possuía uma estrutura e ainda auxiliava financeiramente o trabalho evangelístico em Campina Grande.

Vale ressaltar também que a missionária Lídia Almeida, filha de São José de Piranhas, era missionária itinerante e se dedicou a atividades evangelísticas em toda a região Nordeste. Na Ata de nº 09, registrada no dia 1º de janeiro de 1950, destacamos a participação da missionária Lídia, que pedia ajuda da igreja para participar de uma convenção missionária: todos apoiaram e prometeram auxiliá-la¹⁴. Entendemos que a IEC financiou algumas viagens da missionária Lídia para participação em eventos evangelísticos.

¹² Na Ata de nº 04 vimos que a zeladora, Ana de Lira, reclama que seu ordenado é muito pequeno, que é de 12 (cruzeiros), e pede à igreja um aumento, alegando que a Igreja de Marizópolis paga muito melhor sua zeladora.

¹³ Cf.: Atas de nº 04, 05 e 06 do Livro Ata para as sessões ordinárias da Igreja Evangélica Congregacional de São José de Piranhas-PB. Nas sessões era sempre feita uma leitura bíblica, entoado um cântico, e em seguida era lido o balancete da tesouraria. Nem sempre era explicitado para onde era destinado o saldo ou até mesmo os gastos e despesas.

¹⁴ Quando questionada sobre as visitas da missionária Lídia à igreja, dona Guilhermina disse que eram freqüentes: "Vinha, que ela já tava estudando, né, pra ser missionária, aí a gente acompanhava ela, nós vinha a pé, às vezes montada, ela vinha cansada, coitada, ela vinha montada e nós vinha a de pé" (Guilhermina Santos, em entrevista concedida em 09/03/2016).

De acordo com as informações obtidas ao longo da pesquisa e do depoimento de nossa principal colaboradora, descendente do processo de formação da IEC, a senhora Guilhermina, observamos que os primeiros cristãos que adotaram a religião protestante enfrentaram dificuldades para se estabelecer e se fixar na sociedade piranhense. A senhora Guilhermina residia no Sítio Mulungu, a 9km da cidade, juntamente com sua família, e relata as dificuldades enfrentadas para poder se deslocar até a cidade para assistir ao culto protestante:

É, quando vinha os pastores de fora, aí mandava o convite pra gente ir, a gente ia, a gente ia de pé, vinha montada porque não tinha transporte né? Mas quando era cedo a gente ia de pé né? Pra pode voltar, e quando era a noite a gente vinha amontado com todo sacrifício mais ia(Guilhermina Santos, entrevista concedida em 09/03/2016).

Quando questionada sobre como se encontrava a cidade naquele período de 1946, se havia muitas casas, como eram as ruas... dona Guilhermina descreve:

Não, não, pouquinha gente, pouquinha gente, isso aqui todinha era mata, não tinha casa não, só tinha somente, como é que diz, um corredorzinho, somente, lá pra cima era que tinha umas casinha que era casa de granfino que era de Antonio Gomes, Joaquim Batista... Joaquim Batista não, meu Deus, como é o nome dele... é de Malaquias Barbosa, era essas pessoas mais ou menos, que era rico né? Aí tinha essas casas, era assim, começava a trabalhar né, os filhos cresce, inventava de casar, ele fazia casa acolá né? Aí ficava, aí foi aumentando, foi aumentando até que hoje, São José de Piranhas, antigamente era Jatobá. Era Jatobá(Guilhermina Santos, entrevista concedida em 09/03/2016).

Mediante a fala da nossa colaboradora, vale ressaltar que para o período de análise da nossa pesquisa, 1940-1960, a cidade estava em passos iniciais após a transferência da sede em 1937. Nesse processo de reestruturação, faltava infra estrutura, como saneamento básico, ruas calçadas, eletricidade, entre outros. A falta de eletricidade dificultava a realização dos cultos protestantes a noite. Segundo Lima (2010), a chegada da energia elétrica só veio acontecer na nova São José de Piranhas em 21 de fevereiro de 1965, com espaço para fortes simbologias do moderno na cidade.

Os primeiros protestantes enfrentaram dificuldades quanto a locomoção e a falta de transporte para assistir os cultos protestantes na cidade, e muitas vezes se submetiam a irem a pé ou montados em lombos de animais. Compreendemos que a ausência de

eletricidade e de um transporte dificultava o retorno para o sítio devido a distância, medo da escuridão, fato que possivelmente diminuía a quantidade de adeptos na IEC.

Contudo, observamos que a implantação do protestantismo em São José de Piranhas se deu em espírito de calma se comparada às outras regiões do Alto Sertão Paraibano. Foi diferente de Patos-PB e de Brejo dos Santos-CE, onde derrubaram por terra os templos protestantes, fato semelhante que ocorreu também na região paraibana de Catolé do Rocha, onde os protestantes não tinham direito de apanhar água numa fonte pública da cidade, como coloca Figueiredo (2016). Não encontramos qualquer registro de perseguição religiosa do tipo em São José de Piranhas, nem também foi relatado nas histórias orais.

Procuramos entender porque não houve perseguições religiosas a ponto de destruir templos e inibir protestantes de exercer sua fé, como aconteceu em outras regiões sertanejas. De acordo com o professor escritor Messias Ferreira de Lima, residente na rua Antonio Maria de Jesus- São José de Piranhas-PB, nosso colaborador, nos contou por relato oral, que José Mendes havia sido vereador em São José de Piranhas, no entanto, em análise feita da obra de Deusdedit Leitão, encontramos assinatura de José Mendes como “Emp.Público” em ata da seção solene, presidida por Malaquias Barbosa, em que a cidade de São José de Piranhas foi elevada à categoria de cidade, em 01 de janeiro de 1939. Provavelmente sua influência política e econômica inibiu qualquer movimento mais incisivo de expulsão de missionários ou ataque a edificações protestante na cidade.

José Mendes era figura importante na cidade, e por usufruir de certo poder político, o seu *status* social pode ter sido essencial para amenizar os conflitos no processo de implantação do cristianismo protestante na região de São José de Piranhas. Entretanto, se o clima era não era de perseguição, era de intolerância e resistência por parte de cristãos católicos que compunham a sociedade piranhense. Quando questionada sobre como era ser protestante naquele período de 1946-1960, a Sra. Guilhermina nos respondeu:

Que o povo vinha, fica reparando né, reparava tudo quem era crente, de onde vinha, inventava que vinha de num sei de onde, que era invenção dos crente, né? Aí eles começaram a ir pra Igreja e perguntava ao pade né? O padre dizia que vinha essas leis ainda, e que ninguém se convertesse como é que diz, se embelezasse não que era

coisa inventada, uns dizia “mais Guilhermina você deixar de gozar pra ir ser presa, homi isso é uma invenção”, eu dizia “seja feita a vontade de Deus” (Guilhermina Santos, entrevista concedida em 09/03/2016)

Mediante as recordações da colaboradora, não houve perseguição religiosa, porém, os protestantes eram muito observados. Especulamos que no discurso do clero católico havia um alerta sobre a vinda de protestantes, que soava como anúncios acerca de falsos profetas. O discurso feito pelo catolicismo romano foi usado como estratégia para defender o campo religioso de atuação católica, e, assim, impedir a expansão e conversão de pessoas à religião protestante na cidade de São José de Piranhas.

Segundo relatos orais colhido sem conversa com o professor Messias Ferreira de Lima, quando perguntado sobre como reagiram as autoridades religiosas e a comunidade piranhense diante de um novo contexto religioso, ou seja, a inserção do protestantismo, ele afirmou:

Padres batiam de frente com os evangélico, porque de qualquer maneira numa cidade pequena não tinha influência, na cidade grande tinha né? Aí começaram a fundar as Igrejas tudo, assim como os evangélico metia o pau na igreja, nas coisa que eles não aceitava da Igreja, agente ia assistir um culto, religião pra mim tanto faz (risos) eu sou ecumênico né? Foi religião eu to dentro, então, agente ia assistir a um culto evangélico naquele tempo, vamos botar trinta anos atrás, quando começou, quando chegou o primeiro pastor da evangélica da Assembléia de Deus, meteu o pau na Igreja católica, esculhambava, era o âmbito do inferno, num sei o que? E satanás... eu disse “Ave Maria!” Então tanto a igreja criticava, como os evangélico criticava a igreja, que hoje não tem mais. A disputa por espaço físico religioso, gente também, o número de pessoas conquistar (Messias Lima, entrevista concedida em 26/02/2016).

De acordo com a fala acima descrita, Messias está se referindo a uma experiência particular que o mesmo teve ao assistir um culto da denominação Assembléia de Deus, em que ficou admirado com a pregação que ouvia. Sendo assim, percebemos que existia um espaço de disputa no campo religioso piranhense, e observamos na fala do entrevistado que os discursos eram polêmicos e convencionalistas, em que o pregador procurava, em sermão, convencer o indivíduo da verdade do protestantismo ante o catolicismo, fazendo críticas à religião católica, o que ocorria também nas missas.

Tratando-se da Igreja Evangélica Congregacional, não encontramos nenhum registro de cultos realizados em espaço aberto público (praças ou ruas), mas se tratavam sempre de cultos realizados dentro do templo, com reduzido número de conversos. Ficou claro nas entrevistas realizadas com o professor Messias e com dona Guilhermina que existia um receio muito grande por parte de cristãos católicos em se aproximar da igreja evangélica.

Não, praticamente não tinha visitantes, só quem freqüentava era quem era mesmo, e naquele tempo era difícil se conquistar uma pessoa, hoje é fácil demais, naquele tempo era difícil demais o caba ser católico e ir (Messias Lima, entrevista concedida em 26/02/2016).

Isso se deve ao fato da Igreja católica ser predominante, e a existir um forte enraizamento cultural na sociedade baseado nos ensinamentos do catolicismo romano. O protestante era visto com estranhamento, junto com sua “lei de crente”, que surgira para confundir. O professor Messias rememora como a religião protestante era vista pelos cristãos católicos:

Era muito difícil, porque havia discriminação muito grande. Não, eu não digo tanto perseguição, mas discriminação, ia passando um cara acolá: “lá vai um bode, (altera a voz) bode, e bode nu seu o que”... o pessoal tinha receio, logo porque eram poucos né? E eles eram discriminados, eu me lembro bem disso aí (Messias Lima, entrevista concedida em 26/02/2016).

Falar em protestantes nos anos de 1940 a 1960 é falar de uma minoria da sociedade piranhense, que sofria muitas dificuldades, pois como mostram os relatos dos nossos entrevistados, eles eram tratados de forma pejorativa e sofriam rejeição, recebendo apelidos e insultos.

Analisamos ainda como a Igreja Evangélica Congregacional passou por um momento de mudanças a partir dos anos 1958 após o falecimento do presbítero Joaquim Pereira. Constatamos que os cristãos protestantes sofreram com uma dispersão a ponto de a Igreja fechar por falta de membros e uma assistência pastoral. Conforme nos contou Messias Lima:

Quem era o pastor dessa igreja era Joaquim Pereira que era tio do meu pai, foi o primeiro pastor dessa Igreja Congregacional, e depois [...], ele morreu, e o pessoal foi embora, a família Mendes, ele morreu e a

família dele foi embora toda, e quase que fechava, só quem ficou aqui foi Joaquim Faustino, que é família desse pessoal ai dos Faustino né? Foram pra São Paulo também, ele ficou sozinho naquela Igreja ali,[se referindo a Joaquim Faustino], eu me lembro que passava lá nos cultos lá tava ele lá sozinho [...] Aquela igreja teve exposta a venda nos anos 70 porque não tinha ninguém, aquela missão lá de João Pessoa né? E porque ninguém quis comprar...até ofereceram a seu Gonzaga, que era o prefeito da época, e ele:“não me interessa comprar não”, até que ponto chegou a situação aí depois a igreja foi retomada, e depois começaram a surgir outras igrejas. A segunda foi a assembléia de Deus já nos anos 80, aí depois essa explosão que virou comércio (Messias Lima, entrevista concedida em 26/02/2016).

Conforme a narrativa acima, concluimos que após a morte do presbítero Joaquim Pereira, que exercia o trabalho ministerial de pastor, os membros ficaram sem administração de um líder local, sem responsável por dar suporte aos cultos da igreja e realizar a escola dominical¹⁵.

Durante a entrevista com dona Guilhermina, ela nos relatou que José Mendes vendeu a propriedade e foi embora para João Pessoa. O comprador das terras foi o senhor Josué Bezerra, o qual era católico praticante. A partir de então dona Guilhermina e sua família continuaram residentes no sítio, agora propriedade do senhor Josué Bezerra, com a diferença que agora seu patrão era católico, e a casa que eram feitos os cultos protestantes passou a sediar missas e celebrações católicas.

Entendemos que a ausência do José Mendes colaborou para a dispersão e número cada vez menor de crentes presentes na igreja, uma vez que os protestantes que residiam no Sítio Mulungu, a exemplo de dona Guilhermina e sua família, ficaram sem apoio e companhia do patrão protestante¹⁶ para se deslocarem para a cidade e assistir cultos protestantes, contando apenas com assistência de pastores itinerantes, que geralmente vinham uma vez no mês. Dona Guilhermina relata:

Era, mia fia, tudo no mundo era longe, de João Pessoa, Campina Grande, nunca dava certo, tinha vez que vinha, não dava tempo a gente vir, logo a gente morando mais uns católico né¹⁷, nunca dava certo pra

¹⁵ Na Ata nº 27 é registrada a sessão de 31/03/1958 sob a presidência do Rev. José Emidio Sobrinho, ocasião em o presidente lamenta a morte do presbítero Joaquim Pereira.

¹⁶ Durante a entrevista, dona Guilhermina contou que só ia assistir cultos na cidade se fosse acompanhada com o pessoal de José Mendes: "É porque a gente mocinha nova, né? E não podia vim só, ne? Porque o povo fazia medo, isso aqui tudo era mata...tinha medo, né? E os pais da gente num deixava"(Guilhermina Santos, entrevista concedida em 09/03/2016).

¹⁷ Em nenhum momento dona Guilhermina falou de qualquer episódio de perseguição, mas ela disse: "E o povo lá que nós morava não gostava" que ela e sua família fossem protestantes.

gente. Aí meu cunhado[se referindo a Joaquim Faustino] foi embora pra São Paulo aí ficou mais ruim pra gente, a gente ficou se batendo daqui pra acolá, até que hoje tamo ai(Guilhermina Santos, entrevista concedida em 09/03/2016).

De acordo com as informações obtidas, concluímos que a partir de 1958 já não existiam mais cultos frequentes, o número de pessoas era cada vez menor, as visitas dos pastores de cidades como Marizópolis, Campina Grande, João Pessoa, se tornaram cada vez mais raras. Isso nos leva a pensar que a igreja, antes ativa e com considerável número de membros, passou por um período de crise e esquecimento a ponto de fechar as portas e o prédio ficar por conta da prefeitura.

A Igreja Evangélica Congregacional de São José de Piranhas ficou fechada por aproximadamente 20 anos, quando foi reaberta a partir dos anos 80, dessa vez como congregação ligada à Igreja de Catolé do Rocha, e sob a responsabilidade do pastor Odias.

Portanto, podemos especular aqui alguns fatores que colaboraram para o encerramento do trabalho em São José de Piranhas no recorte temporal da pesquisa: foram dificuldades financeiras, falta de líderes, falta de comunicação, ou até mesmo falta de união das igrejas evangélicas congregacionais em apoiar a jovem congregação de São José de Piranhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, podemos concluir que o campo de estudos sobre a religião protestante é vasto e variado, e há muito a ser pesquisado.

Nesse trabalho observou-se que a introdução do protestantismo no Brasil no início do século XIX foi marcado por forte oposição devido a atuação da Igreja Católica no país, junto às leis brasileiras, como a Constituição de 1824, que restringia a participação de grupos não-católicos que chegavam no Brasil. Só a partir da Proclamação da República, em 1889, quando o Brasil se tornou um Estado laico, os protestantes conseguiram maior liberdade religiosa.

A introdução do protestantismo na cidade de São José de Piranhas-PB se deu em um espaço de intolerância e resistência devido ao forte enraizamento da religião católica, presença forte naquela sociedade. Podemos ainda frisar que os primeiros cristãos que adotaram a fé protestante enfrentaram rejeição local, e eram vistos como “os bodes”, de “lei de crente”, ou ainda como uma seita.

Durante a realização da pesquisa não observamos nenhum episódio de perseguição, mas notamos que após a construção da IEC na cidade houve forte oposição aos protestantes, por se tratar de um espaço na zona urbana até então dominado única e exclusivamente pela Igreja Católica, acarretando a um conflito ideológico entre as duas religiões para se conquistar fiéis.

Outro fator relevante é que a IEC, na sua fundação, contou com auxílio de pastores e missionários itinerantes que eventualmente vinham à cidade. Isso se deve às dificuldades existentes no sertão da Paraíba na época, a exemplo da falta de transportes automotores e dificuldades nos meios de comunicação.

Durante a construção desse trabalho encontramos apenas um Livro Ata no acervo de documentos da IEC de São José de Piranhas. A ata nº 01 registra sessão realizada em 13/02/1946, e a folha da ata de nº 28 é a última sessão realizada no ano de 1959, não havendo a assinatura de presidente nem de secretário. Não tomamos conhecimento de nenhum registro de realização de cultos, escola dominical ou qualquer trabalho evangelístico lavrado em Livro Ata a partir dos anos 1960. Isto nos leva a pensar que a partir daquela década o trabalho evangelístico em São José de Piranhas se tornava cada vez menos freqüente.

De acordo com os depoimentos dos nossos principais colaboradores, Messias Ferreira de Lima e dona Guilhermina Alves dos Santos, houve um período em que a Igreja Evangélica Congregacional fechou as portas, e os poucos protestantes que residiam na cidade e na zona rural ficaram dispersos. Até que a partir dos anos 1980 a IEC foi reaberta e começaram a surgir outras Igrejas protestantes na cidade.

Podemos dizer que as maiores dificuldades na construção deste trabalho estiveram relacionadas às fontes, uma vez que não encontramos nenhum trabalho publicado sobre o tema no município de São José de Piranhas, além de termos tido acesso a apenas um Livro Ata como registro das sessões da IEC.

Este trabalho serviu como um verdadeiro desafio, mas continua aberto para que estudiosos interessados no tema deem continuidade ao assunto, preenchendo as lacunas existentes e enriquecendo a historiografia local.

REFERÊNCIAS

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: Memória, Tempo, Identidade.** Belo Horizonte: Autentica, 2006.

FERREIRA, Jorge Marques; SANTANA FILHO Manuel Bernardino. Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil. In: **Origens, Histórias e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Gráfica. 2015.

FIGUEIREDO, Maria Guedes. **Catolé do Rocha: berço da Evangelização do Alto Sertão na Paraíba.** Cajazeiras: Editora e Gráfica Real. 2016.

LEITÃO, Deusdedit. São José de Piranhas. In: **Notas para sua História.** João Pessoa: UniGraf. 1985, p. 11-127

LÉONARD, Emile-Guillaume. O Protestantismo Brasileiro. In: **Estudo da eclesiologia e de História Social.** 2. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981, p. 6-354.

LIMA, Messias Ferreira de. São José de Piranhas. In: **Um pouco de sua história.** Cajazeiras: Gráfica e Editora Real. 2010, p. 15-173.

MATOS, Alderi de Souza. **Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil 1859-1900: Missionários, pastores e leigos do século 19.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

_____. Breve Historia do Protestantismo no Brasil. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA.** v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/download/27/46>. Acesso em: 07 de outubro de 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007, p.10-175.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** Editora Loiola, São Paulo, 1990.

_____. **O Celeste Porvir.** In: A Inserção do Protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 14-372.

PORTAL BETEL BRASILEIRO. **Lídia Almeida de Menezes.** Disponível em: <[www.betelbrasileiro.com/index.php/institucional/.../Lídia-almeida-de-menezes](http://www.betelbrasileiro.com/index.php/institucional/.../Lidia-almeida-de-menezes)>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

_____. **Quem somos.** Disponível em: <www.betelbrasileirosantoandre.com.br/quem_somos.htm>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

PORTAL IGREJA CONGREGACIONAL DE CAMAÍPI. **Histórico do Congregacionalismo no Brasil**. Disponível em: <igrejacongregacionaldecamaipi.blogspot.com/.../historico-do-congregacionalismo-no->. Acesso em: 07 de Outubro de 2016.

PORTO FILHO, Manuel da Silveira. **Congregacionalismo brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: DERP, 1997.

SILVA, Josenildo José da. **A propagação do cristianismo protestante no sertão paraibano entre 1890–1930**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) — Licenciatura Plena em História. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2012.

SOUZA, José Roberto de. Relatos Históricos do Protestantismo Brasileiro. V Colóquio de História da UNICAP. **Anais do V...** Recife, 2011. Disponível em: <<http://www.unicap.br/colquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1123-1140.pdf>>. Acesso em: 07 de outubro de 2016.

VIEIRA, José Marconi Gomes. **História da Paróquia de São José de Piranhas**. João Pessoa: A União. 2014.

_____. São José de Piranhas. In: **Conselheiros, Intendentes e Prefeitos (1889-1945)**. João Pessoa: União. 2010, p.1-42.

ANEXOS

ANEXO A — ENTREVISTAS

a) **Entrevista realizada com Guilhermina Alves dos Santos em 09 de Março de 2016**

Eu- A senhora Dona Guilhermina tem 87 anos é natural do Rio Grande do Norte, (confirma com ruídos *Rum) chegou na Paraíba, pra morar em São José de Piranhas por volta dos anos de 1942, a principio a senhora foi morar no sitio Alagamar, isso?

Ela- *Foi nós chegamos lá, fumo pra lá, Alagamar.*

Eu- Com passar de um certo tempo a senhora foi morar, a sua família foi morar nas propriedades do Senhor José Mendes, sitio Mulungu, é isso?

Ela- *A casa do patrão era crente né ?Evangélico, Jose Mendes a esposa dele era Delzulti Almeida de Meneses, a gente ia, ela tinha filha moça, a gente ia assistir os trabalhos né? Só tinha a casa dele e a da gente, a gente não andava pra canto nenhum, ne? Tirano assim uma festinha que havia, se deixasse agente ia, agente ia ne? Antes de ser crente, ta bom?*

Eu- sei

Ela - *Ai agenteia assistir os trabalhos, quando era.... culto vinha os pastores de fora, ai a gente ia assistia ali, aquele trabalho, tudo, pronto e assim a gente ia passando né? até que no dia Deus tocou no coração da gente né? a gente aceitou né? A gente não andava em forró, ... coisas, não cortava cabelo, não fazia vestidinho curto era médio, não tinha..nem pintava nada, tudo era pra ficar diferente do povo do mundo ne? se a gente fizesse era do mundo ainda né? Assim que a gente fazia né?*

Eu- Onde era que eram feitos os cultos?

Ela- *Era na casa mesmo do patrão né? Na casa de Zé Mendes ali no mulungu, o povo todo mundo aqui conhece os crente aqui, os crente mais velhos todos já conhece ne? essas pessoas já se foi, Jesus já chamou, era o [.....Joaquim Batista, Joaquim Pereira que era o enfrentante, ne?, agora vinham os pastores de fora né?*

Eu- E a senhora sabe de onde era que vinham esses pastores de fora?

Ela- *Era de João pessoa, de Campinas, é porque eu já esqueci do nome deles, mas acho que fala ai... (áudio para, pausa de uns 10 minutos)*

Eu- Quer dizer que a Igreja não tinha um Pastor Fixo?

Ela- Não pastor vinha de fora.

Eu- O Pastor vinha quantas vezes no mês?

Ela- Ele vinha uma vez, ele vinha por mês, ne? nu era todo dia, agora Joaquim Pereira era quem ficava,

Eu- Como eram os cultos tinham muitos membros?

Ela- Tinha pouco, tinha pouquinha gente né? o povo não queria saber de crente, era pouquinhas pessoas. Era. Nunca vinha de fora só os daqui mesmo

Eu- Quando foi que a senhora se converteu?

Ela- Eu converti que a gente ir pros culto ne? A gente vinha de La pra Ca, todavida quando era pra vir, a gente vinha montada, ou então de pé

Eu- Como se encontrava a cidade naquele período de 1946, havia muitas casas, como eram as ruas?

Ela- Não, não pouquinha gente, pouquinha gente, isso aqui todinha era mata, não tinha casa não, só tinha somente, como é que diz, um corredorzinho, somente, la pra cima era que tinha umas casinha que era casa de granfino que era de Antonio Gomes, Joaquim Batista, Joaquim Batista não meu Deus, como é o nome dele é de Malaquias G Barbosa, era essas pessoas mais ou menos, que era rico ne? ai tinha essas casas, era assim, começava a trabalhar ne, os filho os cresce inventava de casar, ele fazia casa acolá né? Ai ficava, ai foi aumentando, foi aumentando até que hoje, São José de Piranhas, antigamente era Jatobá. Era Jatobá

Eu- Como era Dona Guilhermina, ser protestantes (evangélica) naquele período de 1940-1960, como era que os evangélicos eram vistos, como essa nova religião era visto pelos católicos?

Ela- Que o povo vinha, fica reparando né, reparava tudo quem era crente , de onde vinha inventava que vinha de nu sei da onde, que era invenção dos crente, né? Ai eles começaram a ir pra Igreja e perguntava ao padene?ai o pade começava a dizer como é que era, o padre dizia que vinha essas leis ainda, e que ninguém se convertesse como é que diz se embelesaze não que era coisa inventada, uns dizia mais Guilhermina você deixar de gozar pra ir ser pressa, homi isso é uma invenção eu dizia seja feita a vontade de Deus. Era pra não fazer certas coisa, usar nem nada, freqüentar certos lugares, ficar diferente do povo do mundo como diz eles, do mundo é o deles, os crente

era pra ser preso [...] Mais tudo era em ordem, Lídia era missionária de Zé Mendes, ai explicava a gente tudo como era, a gente entendia pronto.

Eu- A senhora vinha quantas vezes no mês, assisti os cultos protestante na cidade?

Ela- *Nós as vezes que a Lídia vinha que era membro e era missionária vinha a gente acompanhava ela*

Eu- A Lídia vinha sempre visitar a Igreja?

Ela- *Vinha que ela játava estudando ne pra ser missionária, ai a gente acompanhava ela, nós vinha a pé, as vezes montada, ela vinha cansada coitada, ela vinha montada nós vinha a de pé.*

Eu- Houve um período que a igreja fechou?

Ela- *Passou uns tempo enquanto nu chegou pastor, foi o tempo em que Joaquim pereira Jesus chamou, né? ai passou uns dias pra poder vir as pessoas*

Eu - Passou uns dias ou anos?

Ela- Passou uns meses, nu chegou a um ano não, eu acho que não, tou bem lembrada não logo a gente morava pra o sitio, ne? Zé Mendes viajou vendeu o terreno, a terra dele, foi embora pra João Pessoa ne? e a gente ficou assim foi morar com católico, pronto ai foi que , ai não dava pra gente vir toda vida era assim.

Eu- Segundo os meus conhecimentos houve um período que a igreja fechou, a prefeitura tomou o prédio, fez do prédio uma zona eleitoral, depois o pastor Odias, a senhora lembra do pastor ?

Ela- *Lembro pastor Odias*

Eu- Veio retomou o trabalho, (ela confirma), foi mesmo.

Eu- Nesse período a senhora tava mais ausente, mais no sitio, porque quando o presbítero Joaquim Pereira faleceu Zé Mendes foi embora vocês não tinha mais aquele apoio, ficaram isolados no sitio.

Ela- *E o povo La que nos morava não gostava..*

Eu- Porque eu também sei que os pioneiros dessa igreja foi a família da senhora dos Faustino, como os pastores vinha de fora havia a distância e dificuldade de locomoção do sitio

Ela- *Era mia fia tudo no mundo era longe, de João Pessoa, Campina Grande, nunca dava certo, tinha vez que vinha não dava tempo a gente vir, logo a gente morando mais uns católico né, nunca dava certo pra gente. Ai meu cunhado foi embora pra São Paulo*

ai ficou mais ruim pra gente, a gente ficou se batendo daqui pra acolá, ate que hoje tamo ai

Eu- A senhora pode descrever pra mim como era o cenário, como eram feitos os cultos no sitio mulungu? Acontecia quantas vezes no mês?

Ela- Acontecia era duas, três vezes no mês, conforme os pastores de fora mandava dizer pra gente né? comunicava a Pereira, aqui nós chamava ele Pereira, Joaquim Pereira, aí ele vinha, e tinha a mina que tava pra ser missionária a Lídia, ai indicava ai o pastor vinha, ne? Dá as explicações como era ...

Eu- Eu quero que a senhora me fale um pouco, como eram os cultos? Juntava a vizinhança do sitio mulungu ia pra casa do José Mendes? O que a senhora recorda daquele tempo ? Era a noite os cultos?

Ela- Era a noite, aí chamava aquelas pessoas vinha e assistia, ia pra casa, tinha vez que não dava pra eles vim de a noite, vinha a tarde né? a gente fazia... tinha vez que fazia a escola dominical ela juntava aquele povo a vizinhança, as crianças, que La era tudo distante nu sabe? as pessoas, hehe mia fia antigamente era tão difícil, que o povo tinha um medo né, o povo fazia medo tudo, mais tudo dava certo ne?

Eu- Quem era José Mendes? Me fale um pouco a respeito de José Mendes.

Ela- Era o patrão da gente, era família mesmo da, é porque eu não conhecia a família dele tudo né? era família lá das cacimba, daquelas onda ali, agente nunca teve..

Eu- Ele era rico?

Ela- Não, era médio ne? qualquer coisinha antigamente era rico né? teve uma condiçõzinha dizia que era rico ne? Ele era proprietário, possuía gado essas coisa assim, era, possuindo gado criação era rico antigamente

Eu- Quando foi que esse trabalho foi transferido do sitio mulungu para a cidade de São José de Piranhas?

Ela- Nu sei quando é não, mas a gente...do jeito que a gente fazia ai, no sitio ia pra lá também

Eu- Então havia cultos no sitio e cultos na cidade é isso?

Ela- É, é quando vinha os pastores de fora aí mandava o convite pra gente ir, a gente ia, a gente ia de pé, vinha montada porque não tinha transporte né? Mas quando era cedo a gente ia de pe ne? pra pode vortar, e quando era a noite a gente vinha amontado

com todo sacrifício mais ia, conforme fosse a oportunidade da gente vim ne? Porque a gente só vinha se fosse com eles, ne? o povo de Zé Mendes,

Eu- Só vinha se fosse com pessoal de José Mendes?

Ela- *É porque a gente moçinha nova ne? e não podia vim só ne? porque o povo fazia medo, isso aqui tudo era mata,....tinha medo né? e os pais da gente nu deixava.*

11= Dias de culto como vocês se organizava pra vim a Igreja ?

Ele- *Vinha cedo, chegava cedo aqui, uma hora dessa nós jatava se preparando pra vim, pra vim de pé ne?, vinha de pé, ai tinha vez que a gente ficava na casa de pereira, que nós chamava era de pereira, e outra hora na casa de outras amiga, chamava a gente, a gente ficava ali, quando chegava a hora de ...pro culto.*

Eu- De quem era o terreno que foi construída a Igreja Congregacional?

Ela- *Eu não sei não fia, nu falavam isso pra gente nera? nu fala, antigamente, hoje o povo diz tudim as coisa, mas antigamente nu dizia, né? fazia as coisa tudo quieto, oe eu nu tem nem lembrança do salão que era alugado pra gente fazer o trabalho nera?*

Eu- Então a principio os cultos eram celebrados no salão, só que o livro ata mostra que em 1948, acontecia uma assembléia, uma reunião com os membros, que pede a colaboração, e apresenta o orçamento pra a construção realmente da Igreja? De que forma, a senhora enquanto membro, os membros ajudavam nessa construção da Igreja?

Ela- *É a gente dava um dinheirinho, vendia assim uma galinhazinha, comprava uma coisinha, ai dava o dinheiro, ou então aquelas pessoas que não tinha condição de trabalhar,... de comer fora, agente dava as coisa pra eles... (gaguejava) pra fazer as comidas deles né? Contribuía com alguma coisinha.*

Eu- Fale da estrutura física da Igreja, Como a senhora lembra, era só o salão ? Tinha bancos? Tinha púlpitos?

Ela- *Não era essas cadeira assim, essas cadeira mesmo de madeira ne? depois foi que organizememate que conseguiu, era os banco, você já sabe como é aqueles banco ne? Pós é. Era um salão bem grande ne? Não tinha energia, era de, como é? Bujãozim, aqueles bujãozim que ascendia assim, depois colocava e ascendia. Era nu tinha negocio de Microfone pra auxiliar, era nas voz mesmo*

b) Entrevista realizada com Professor Messias Ferreira de Lima em 26 de Fevereiro de 2016

Ele- *As informações que eu tenho é justamente sobre isso, porque eu nasci La no sitio caçimbas e meu pai comprou um pedaço de terra lá, a uma pessoa que era protestante que foi Zé Mendes, não era ...e esse povo era protestante a já vinha lá de piranhas velha, era pessoal influente, o famoso mulungu, era de José Mendes. Você já andou no mulungu,?*

Eu- Já

Ele- *Aquela casa velha lá, a casa mais velha lá que era de Josué Bezerra, então foi Jose Mendes quem construiu ele era crente, ele era protestante dessa Igreja aí, então ele foi um dos que ajudou a fundar essa Igreja ai a Congregacional, foi a primeira Igreja daqui ne? que eles fundaram em 46, e eu vi desde menino ne? que eu ouvia essas conversas de crente né, que era protestante crente, não era evangélico como hoje né? e essa terra pai comprou a esse Mendinho que era protestante, Jose Mendes, que era irmão de Jose Mendes foi quem vendeu a terra, porque ele já morava em Patos, e Jose Mendes apesar de ser protestante mais eles eram influente, ...ele chegou a ser vereador aqui e era uma pessoa da sociedade como se diz ne?, um cara importante, e ai foi embora todo mundo, inclusive uma filha dele chamada Lídia Mendes, foi quem fundou em João Pessoa uma Igreja lá, que tem um nome bem interessante que eu não tou lembrado*

Eu- Betel

Ele- *Pronto Betel Brasil que foi um pessoal que veio não sei qual foi o País, ...eles vieram para o Brasil ficaram em João Pessoa, e ela se aproximou desse povo, não sei se eles voltaram ou se morreram essas pessoas que vieram de lá, e ela continuou e hoje esse Betel é originalmente da Paraíba, sede na em João Pessoa, Lídia Mendes ja morreu e tem igreja ate no exterior hoje, Betel da Paraíba né? Pôs e tudo origem, original daqui de São José de Piranhas, lá do mulungu. Então em 1940 se tinha, eu acho que não tinha, não sei dizer, podia se reunir em alguma casa lá, mas já tinha esse grupo bem formado e outra coisa que me faz lembrar muito bem isso, porque quando eu cheguei, que eu tinha 9 anos quando vinhe morar aqui, que eu nascie e me criei quase que a infância foi La no sitio cacimba q e vizinho ao mulungu, e lá é, depois a*

gente veio morar aqui em 55 e quem era o pastor dessa igreja era Joaquim Pereira que era tio do meu pai, foi o primeiro pastor dessa igreja congregacional, e depois essa Igreja ele morreu e o pessoal foi embora a família Mendes, a ele morreu e a família dele foi embora todo, e quase que fechava, só quem ficou aqui foi Joaquim Faustino, que e família desse pessoal ai dos Faustino né? foram pra são Paulo também ele ficou sozinho naquela Igreja ali, eu me lembro que passava lá nos culto lá tava ele lá sozinho.

Eu- Sempre foi ali professor o prédio?

Ele- Sim sempre foi ali, sempre foi ali, eu to dizendo, salão podia ter sido em piranhas velha, lá em piranhas velha não sei se tinha Igreja lá, eu não sei eu acho que não, sei que tinha aqui, essa daqui foi construída a partir de 46, e foi esse Joaquim pereira quem construiu, porque ele era carpinteiro e era pedreiro esse tio do meu pai e eu me lembro ate o dia que ele morreu tudo, veio um pessoal de cajazeiras uns protestantes de Cajazeiras lá, fizeram aquele aue que eles faz e tudo, .. sei que ouve o enterro, ele era parente, tio do meu pai Joaquim Pereira, depois foi embora todo mundo quase que fecha. Aquela igreja teve exposta a venda nos anos 70 porque não tinha ninguém, aquela missão lá de João Pessoa né? E porque ninguém quis comprar ate ofereceram a seu Gonzaga que era o prefeito da época, e ele não me interessa comprar não, ate que ponto chegou a situação ai, depois a igreja foi retomada, e depois começaram a surgir outras igrejas a segunda foi a assembléia de Deus já nos anos 80, ai depois essa explosão que virou comercio.

Eu- Além da dificuldades de locomoção, transporte, existia naquele período outras dificuldades para propagação dessa nova mensagem, como essa religião era vista pelos cristãos católicos?

Ele- Era muito difícil, porque havia discriminação muito grande.

Eu- Termo de perseguição existia?

Ele- Não eu não digo tanto perseguição, mas discriminação, ia passando um cara acolá lá vai um bode, (altera a voz) bode, e bode nu seu o que... o pessoal tinha receio, logo porque eram poucos ne? e eles eram discriminados eu me lembro bem disso ai, e diante de tudo ai eu repetido, foi embora quase todo mundo, daqui os evangélico, nos anos 70 só me lembro que ficou Joaquim Faustino era Joaquim Faustino e o pai de Esmael a família, mulher e filho, não tinha mais ninguém porque o resto foram embora,

por isso que eu digo aquela Igreja foi, a quem chama missão, a sede e em João Pessoa né? ele esteve exposta a vende e ofereceram ate o prefeito da época e ele não quis comprar, mas eu acho que eles sentiram muita dificuldades as missões evangélicas.

Eu - Como reagiram a as autoridades religiosa e a comunidade piranhense diante de um novo contexto religioso que no mínimo era desafiador?

Ele- *Os padres batiam de frente com os evangélico, porque de qualquer maneira numa cidade pequena não tinha influência na cidade grande tinha né? ai começaram a fundar a Igrejas tudo, assim como os evangélico metia o pau na igreja nas coisa que eles não aceitava da Igreja, agente ia assistir um culto, religião pra mim tanto faz (risos) eu sou ecumênico ne? foi religião eu to dentro, então, agente ia assistir a um culto evangélico naquele tempo, vamos botar trinta anos atrás, quando começou, quando chegou o primeiro pastor da evangélica da Assembléia de Deus, meteu o pau na Igreja católica, esculhambava era o âmbito do inferno, nu seu o que? e sataná, eu disse ave Maria. Então tanto a igreja criticava, como os evangélico criticava a igreja que hoje, não tem mais. A disputa por espaço, físico religioso gente também, o numero de pessoas conquistar.*

Eu- Os cultos eram mais fechados, estou me referindo a Igreja Congregacional, o número de membros era reduzidos. ?

Ele- *Era sempre na Igreja, não havia essas pregações que ha hoje não, era sempre aquelas mesma pessoas*

Eu- E o número de visitantes mínimo?

Ele- *Não praticamente não tinha visitantes, só quem freqüentava era quem era mesmo, e naquele tempo era difícil se conquistar uma pessoa, hoje e fácil demais, naquele tempo era difícil demais o caba ser católico e ir..*

Eu- Como o senhor mesmo disse era discriminado, havia estranhamento.

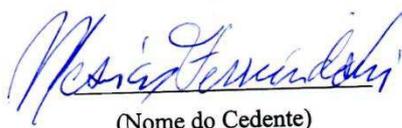
Ele- *Era justamente discriminado, muito discriminado o evangélico naquele tempo, chamava os crente, os bode, tinha um monte de apelidos. Ah Joaquim pereira faleceu em 57...*

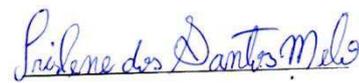
CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE
IRISLENE DOS SANTOS MELO

1. Pelo o presente documento, Messias Ferreira de Lima, brasileiro, casado, professor, carteira de identidade nº316.280, emitida por SSP/PB, CPF nº 048.571.194-04, residente e domiciliado na Rua Antonio Maria de Jesus nº172, Santana Antonio São José de Piranhas -Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Irislene dos Santos Melo a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 26/02/2016 perante a pesquisadora Irislene dos Santos Melo .
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois, Irislene dos Santos Melo Plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 15 de Maio de 2017.


(Nome do Cedente)


(Nome do Pesquisador)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE
IRISLENE DOS SANTOS MELO

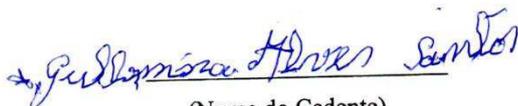
1. Pelo o presente documento, Guilhermina Alves dos Santos, Viúva , aposentada, carteira de identidade nº795.931, emitida por SSP/PB, CPF nº 238.209.774-49, residente e domiciliado na Rua Vila Nova, S/n, Bairro: São Sebastião- São José de Piranhas -Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Irislene dos Santos Melo a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 09/03/2016 perante a pesquisadora Irislene dos Santos Melo .

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica pois, Irislene dos Santos Melo Plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 15 de Maio de 2017.


(Nome do Cedente)


(Nome do Pesquisador)